

ILUSTRAÇÃO DE LIVROS

Prof. Daniel Bueno

ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO INFANTIL

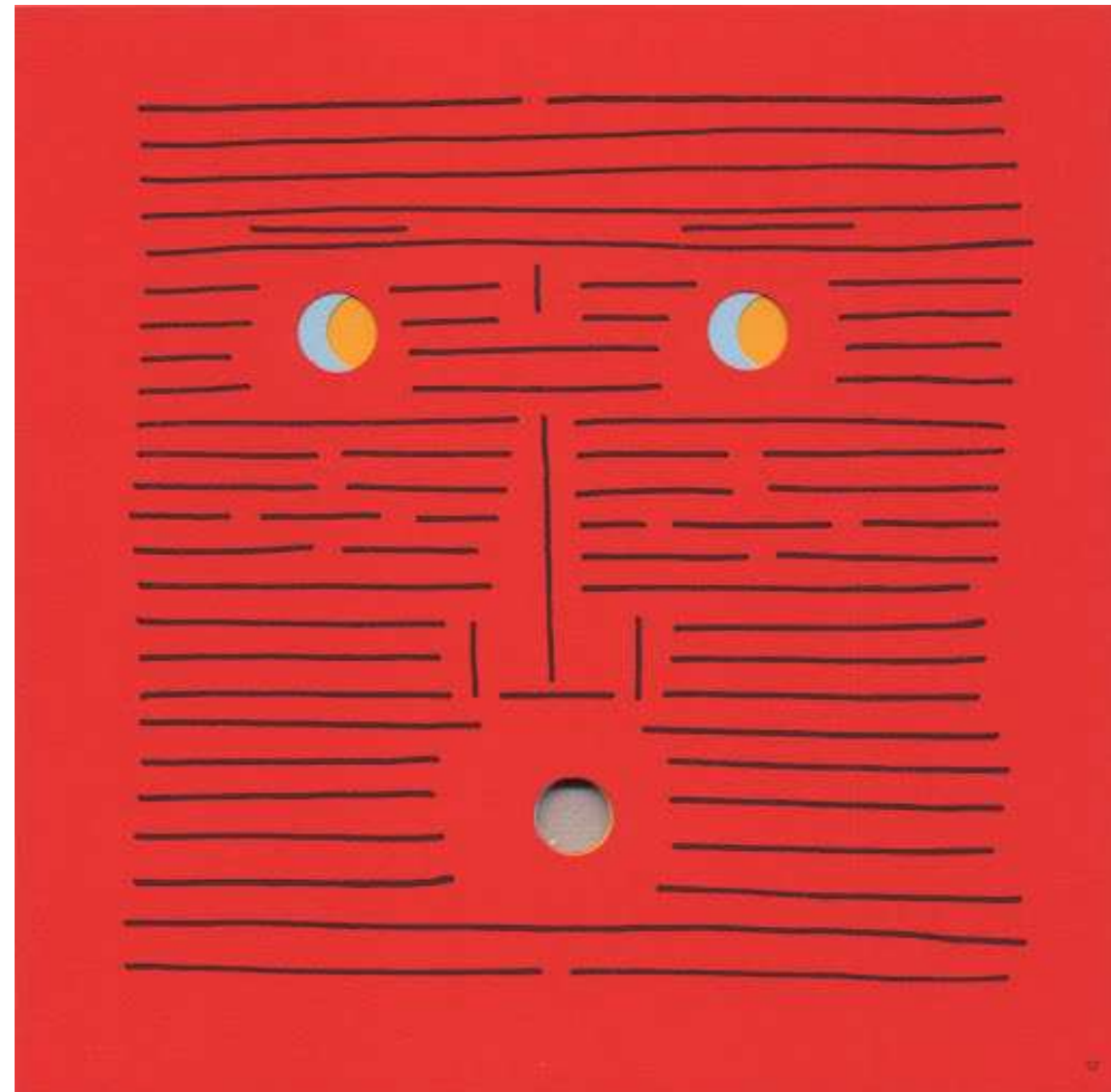
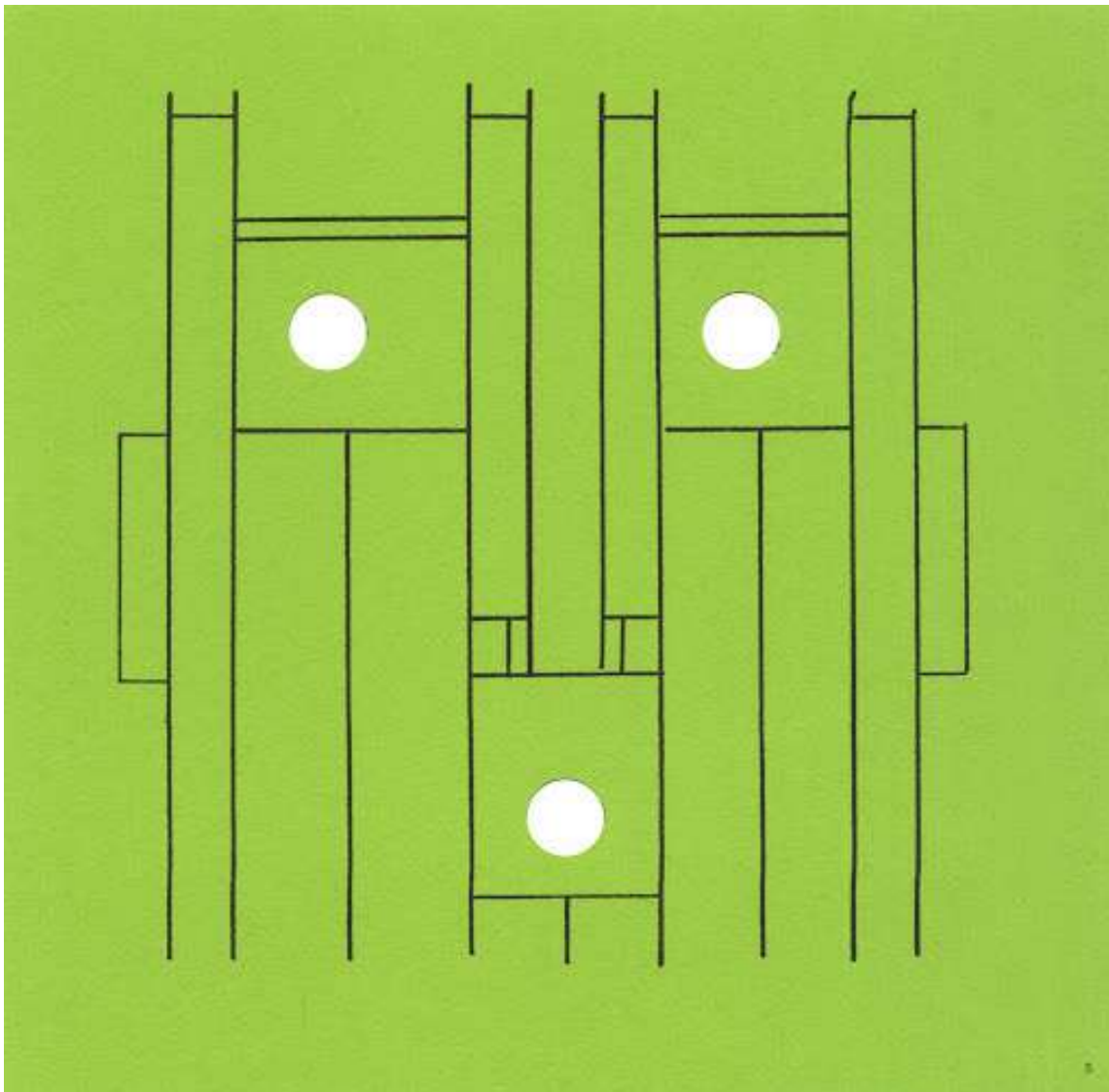
ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO INFANTIL

O Livro infantil como objeto

O livro infantil como um objeto: Bruno Munari

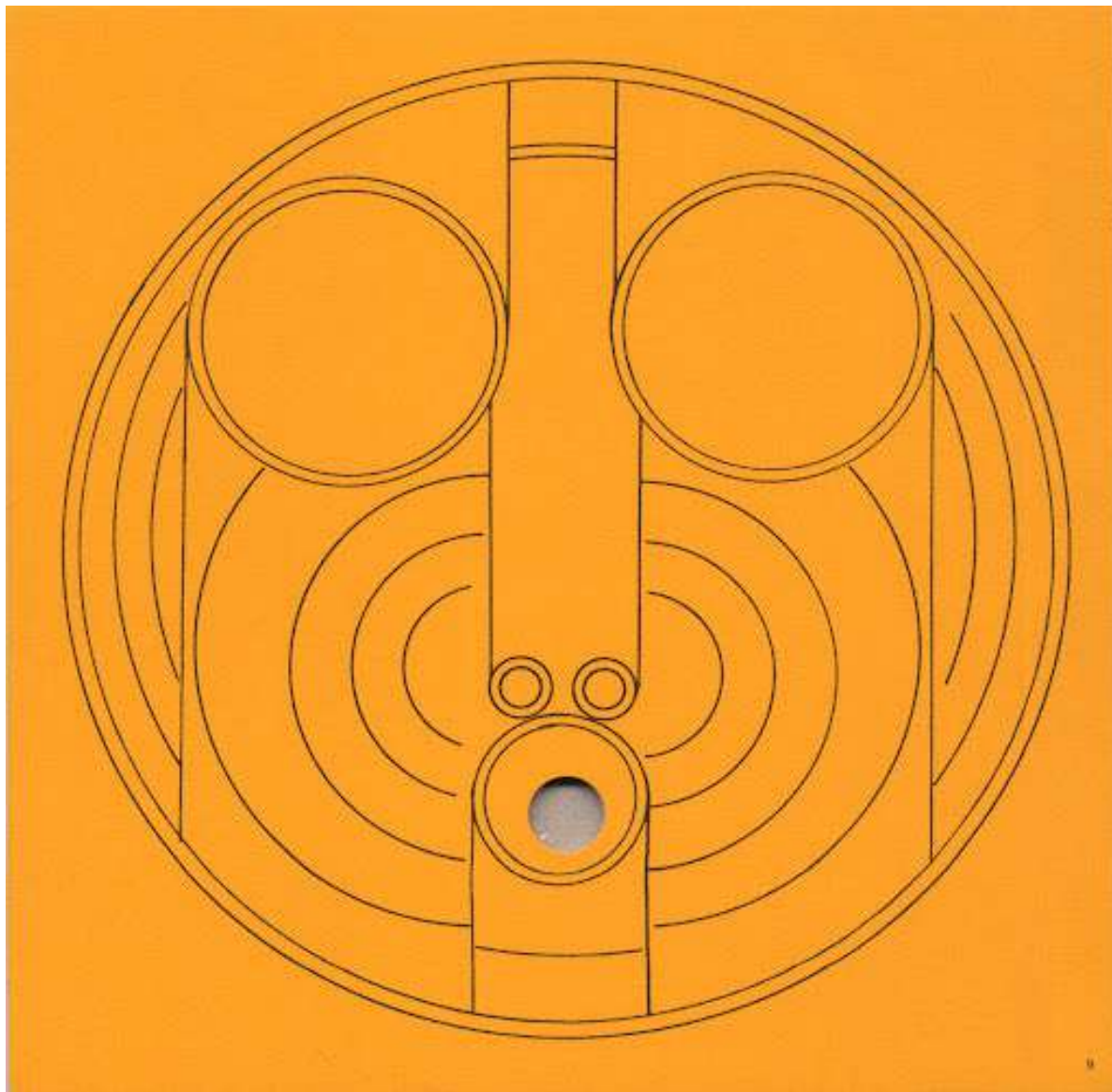
Já vimos como os livros apresentam inúmeras possibilidades a serem exploradas quando pensamos em suas peculiaridades como objeto.

Vamos agora observar mais atentamente o trabalho do designer gráfico italiano Bruno Munari para refletir ainda mais sobre os recursos gráficos de um livro infantil.



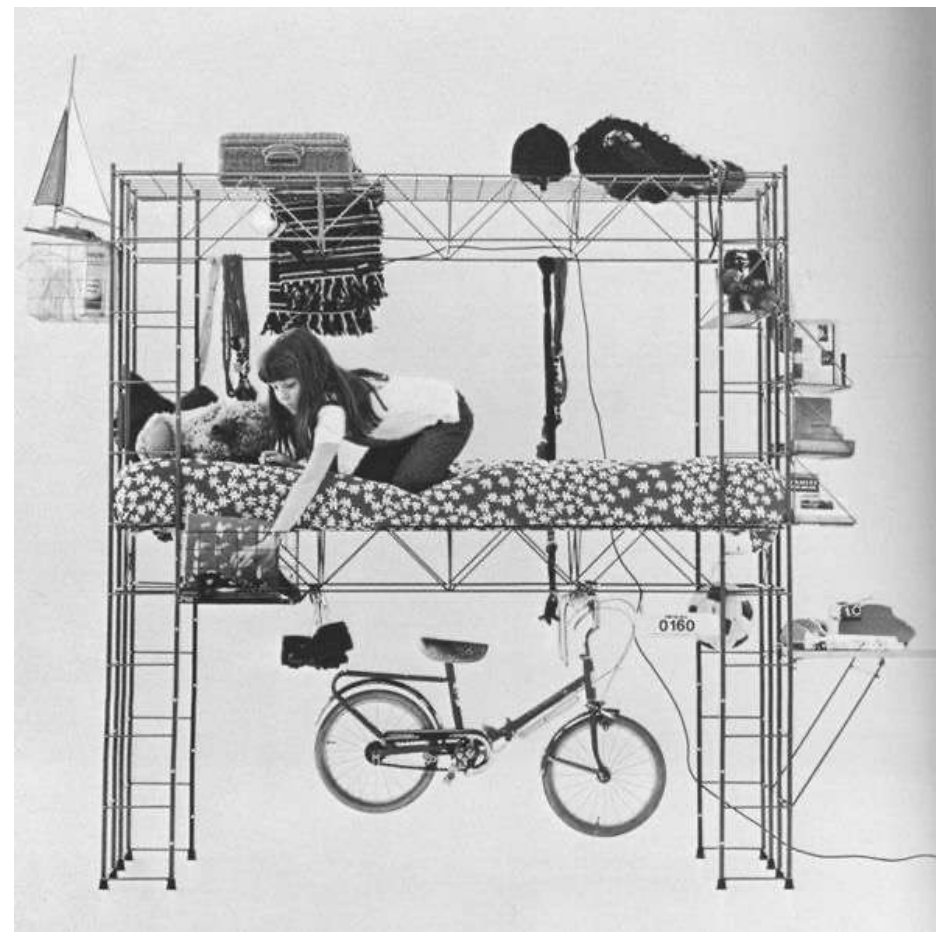
BRUNO MUNARI: “Olhe nos meus olhos”, 1970.

A abordagem com três furos – os olhos e uma boca – sugerem uma **face**, como a que vemos em tomadas elétricas e alguns objetos do cotidiano. Ao redor dessas demarcações foram elaboradas soluções diversas, que variam caso a caso: finas linhas circulares, manchas, etc. O resultado são desenhos por vezes **quase abstratos**, que atuam como “**máscaras de estilo**” (dentro do sentido de “estilo” empregado por Saul Steinberg, entendido como opção de abordagem gráfica, mais aberto, sem necessariamente trazer uma preocupação crítica com o *styling*).



Bruno Munari: “Olhe nos meus olhos”, 1970.

Teria esse trabalho sido criado para o público infantil ou adulto? Como em muitas obras de Munari, **a amplitude de gestos simples** são capazes de enriquecer a percepção de pessoas de **todas as idades**.



Ao lado, escultura “Côncavo, Convexo”, trabalho que evidencia a **grande extensão das investigações desse multiartista**, com contribuições nos campos da cultura material e imaterial, nas artes, no design e na educação.

Os campos de atuação são muito variados. Em “Habitáculo / Abitaculo” (acima), por exemplo, uma estrutura multifuncional permite a recomposição de um espaço pessoal. Na área dos livros ilustrados, Munari desempenha papel importante pelo modo como investigou suas inúmeras peculiaridades.

BRINQUEDOS

A atenção especial ao **universo infantil** surge com o nascimento de seu filho Alberto em 1940 e a subsequente criação de brinquedos e livros.

Em 1953, Munari produziu “Zizi, o macaco”, um boneco de grande maleabilidade, que podia assumir várias posições. Não era apenas bonito, mas interessante para ser manuseado.

Trata-se de belo exemplo sobre como as **características de determinados materiais** podem ser exploradas para gerar resultados inusitados, **contrariando a convenção**.

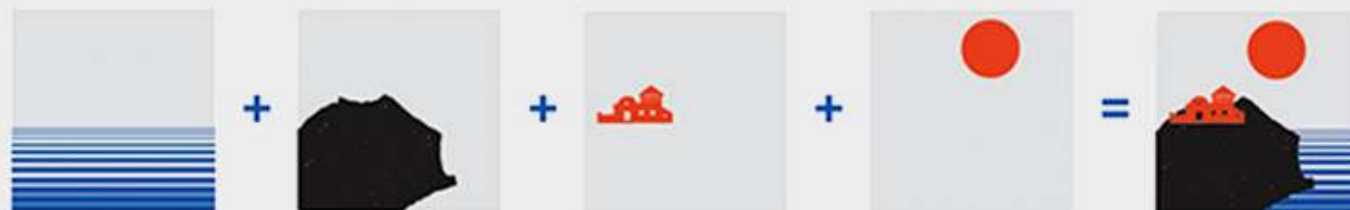
No caso, a espuma de borracha foi empregada em um brinquedo, ao invés do uso corriqueiro em sofás e poltronas.





Durante os anos 1960 e 1970, Munari desenvolveu brinquedos para a Denese, alguns deles em parceria com Giovanni Belgrano. Em todos esses casos, **a criança é a grande protagonista** que aprende – enquanto se diverte – a explorar o mundo.

Uma importante referência é “Mais e Menos”, de 1970, composto por diversas transparências de formato 15 x 15 cm com ilustrações variadas impressas.



Ao lado, “Mais e Menos”, de 1970.

Imagens de gramados, árvores, morcegos, chuva, homenzinhos de bicicletas e outras podem ser combinadas e recombinaas, gerando inúmeras composições e situações.



Ao lado, “Put on Leaves”,
de 1973.

Nesse trabalho, peças
ilustradas estão aptas a
receber carimbos de
folhas e animais.

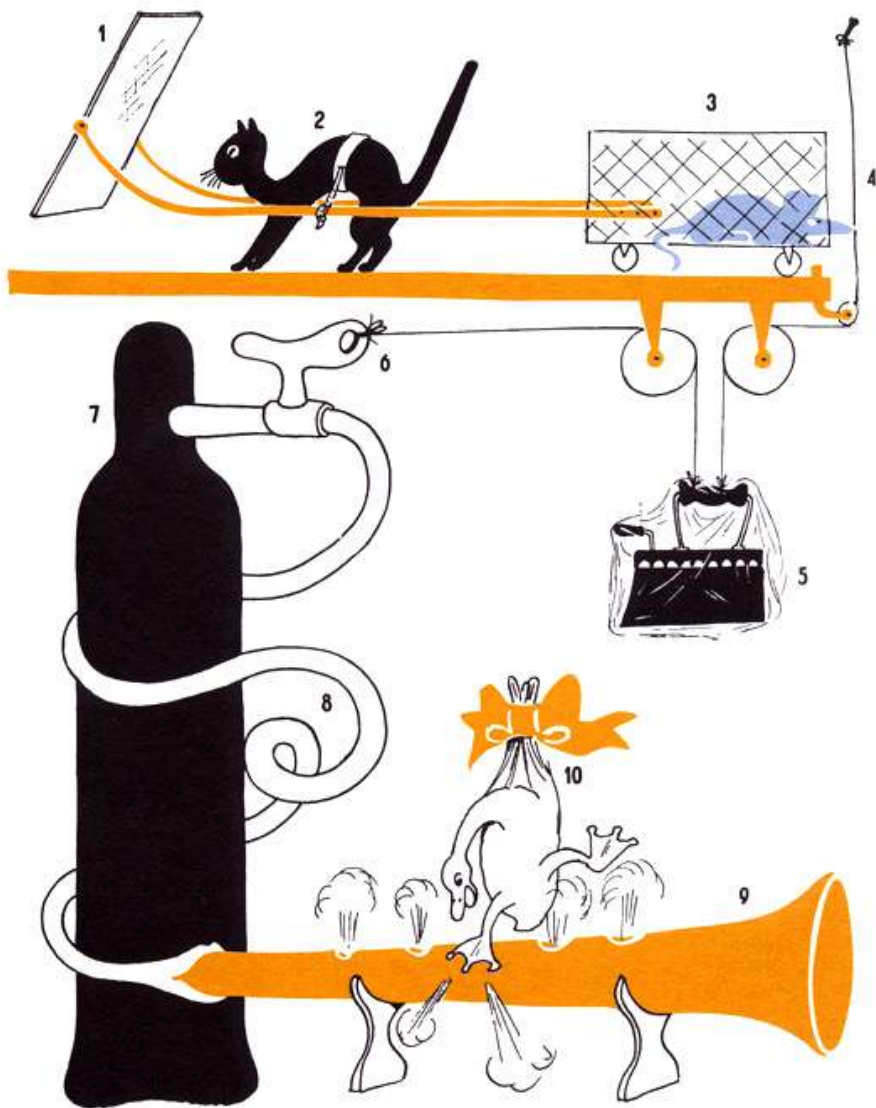


Ao lado, “Labirinto”, de 1973.

O brinquedo disponibiliza peças que podem ser encaixadas na malha de reentrâncias de um tabuleiro, atuando como paredes estampadas que definem diversos espaços de um lugar.

Obras como essa incentivam os participantes a investigar soluções e ter surpresas.

São brinquedos mais interessados na experiência criativa do que na ideia competitiva de “ganhar ou perder”.



LIVROS

Os livros de Bruno Munari também trazem esse viés lúdico e interativo.

“As Máquinas de Munari”, lançado originalmente em 1942, apresenta em cada página dupla uma máquina absurda, composta por parafernalias.

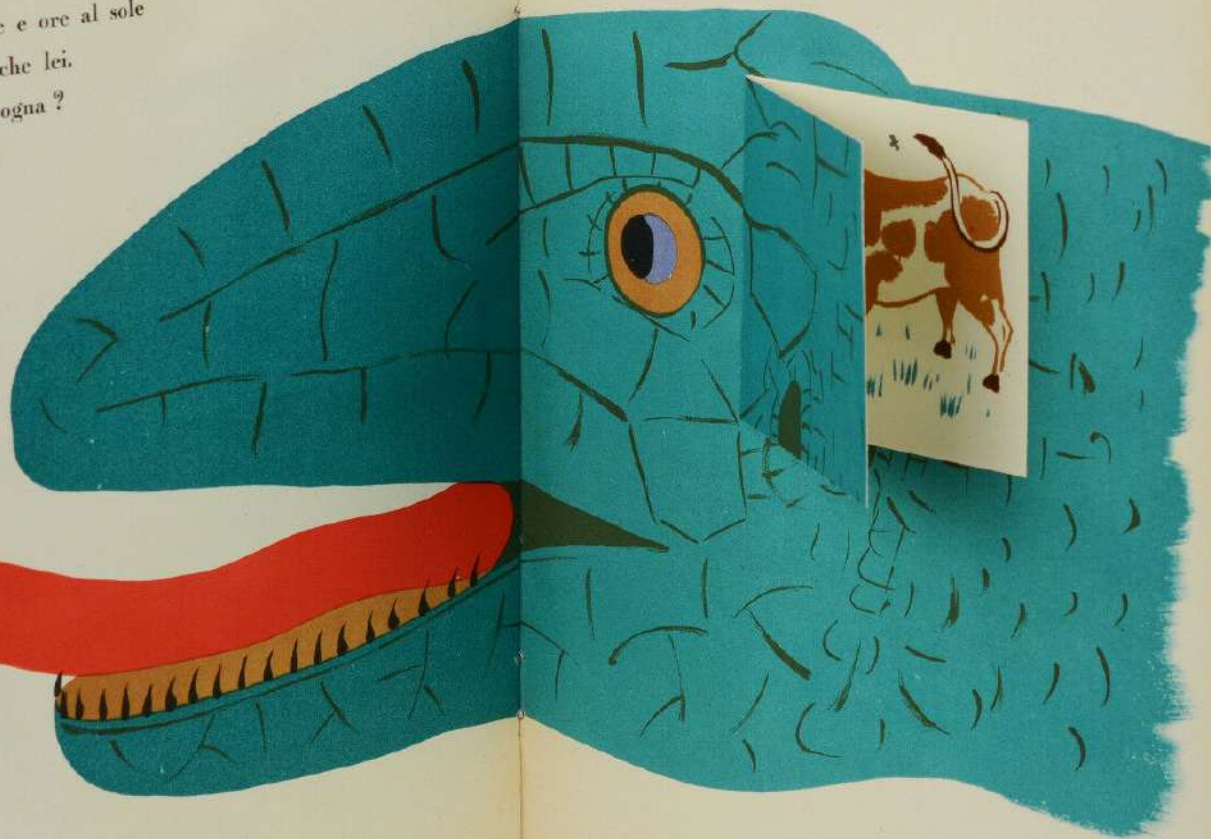
Ao invés de peças de metal, temos objetos e personagens como um ovo, uma bengala, uma tartaruga, etc.

Conectados por fios, roldanas, apoios de materiais diversos, essas peças geram **efeitos de causa e efeito inesperados**.



Em 1945, a editora italiana Mondadori lançou sua inovadora série de livros infantis. Publicações como "Toc Toc" e "Nunca satisfeito!" conferem ênfase às ilustrações sobre o texto, e apresentam belos desenhos coloridos em composições conscientes dos espaços em branco das páginas.

E la lucertola è stanca
di stare ore e ore al sole
e sogna anche lei.
Che cosa sogna ?



Um dos atrativos dessa série
é a exploração de **abas** que
podem ser manuseadas,
abertas e fechadas como
janelas, promovendo
surpresas durante a leitura.

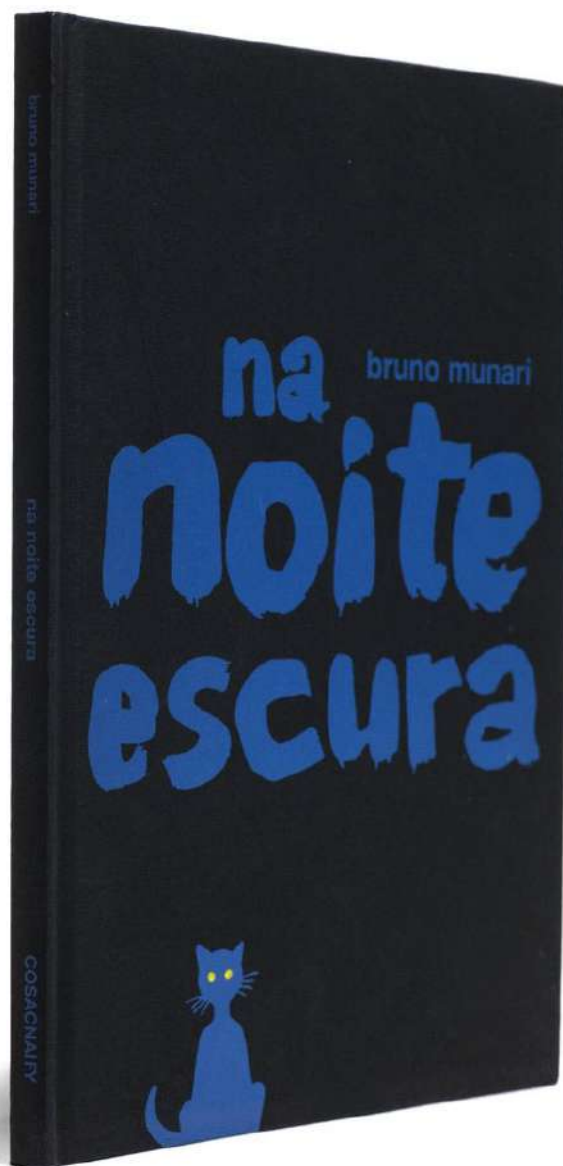
Ao lado, um dos livros da
coleção, 1945.



Interessado em explorar as potencialidades do livro, muitas vezes eclipsadas pelo entendimento do texto como elemento principal, Bruno Munari passou a desenvolver **soluções depuradas e sem linguagem verbal**, que conferiam ênfase ao papel, formato, encadernação, tinta, dobras, cortes, transparências, etc.

Criou os primeiros “Livros Illegíveis” em 1949, uma produção que se estendeu pelo tempo.

Um forte defensor da democratização da arte, o designer italiano gerou diversos objetos instigantes acessíveis a pessoas de qualquer idade e origem.



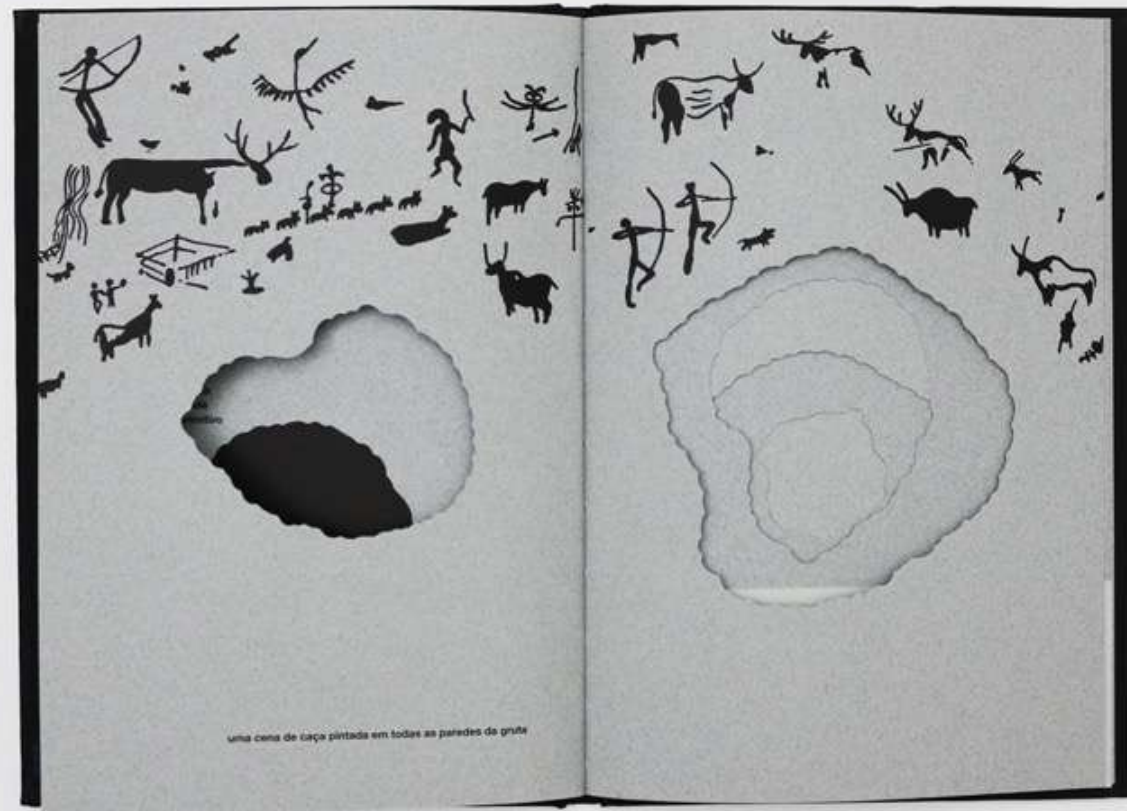
Bruno Munari também explorou muitos recursos em livros ilustrados com textos curtos, como na obra “A Noite Escura”, criada em 1956, e lançada no país pela Cosac Naify em 2007.



“Na Noite Escura”: a obra se subdivide em três partes, sendo a primeira composta por páginas de fundo preto frequentadas por personagens caracterizados por silhuetas azul-escuras. Nesse ambiente noturno um pequeno furinho, recortado sempre no mesmo ponto, brilha com seu fundo amarelo, instigando o leitor.



“Na Noite Escura”: a sequência seguinte traz transparências que exploram sobreposições de vegetação e habitantes da mata.



“Na Noite Escura”: por fim, variações no corte de buracos sobrepostos em páginas acinzentadas sugerem a profundidade de uma gruta cheia de surpresas.



Em 1979, Munari lançou pela editora Danese a série “Pré-livros”: publicações que tinham como princípio incentivar crianças bem pequenas a experimentar o livro de um modo diferente.

Partindo do questionamento “o que faz um livro ser um livro para crianças?”, o designer explorou variados materiais e estímulos sensoriais, em objetos depurados e sem texto.

A intenção foi proporcionar às crianças familiaridade com o livro, levando em conta seu repertório e peculiaridades da idade.



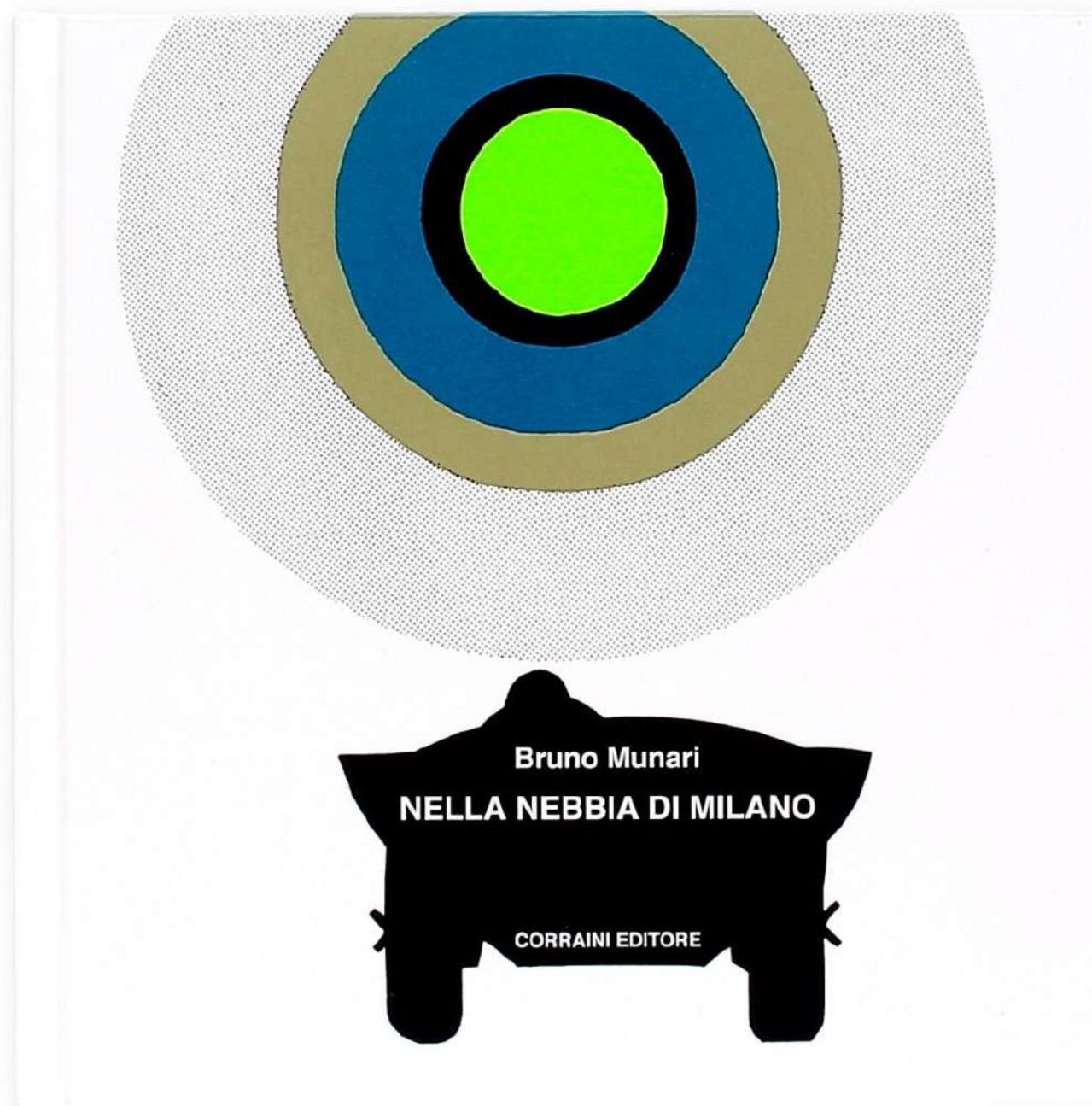
“Pré-livros”: as doze pequenas publicações de mesmo tamanho, em formato quadrado de 10 x 10 cm para caber nas mãos dos pequeninos, razem o título “livro” na capa e quarta capa, deixando em aberto qual seria o início e o fim da leitura.



Per andare dalla nonna Cappuccetto deve attraversare il traffico della città, il che è molto pericoloso, come attraversare il bosco.

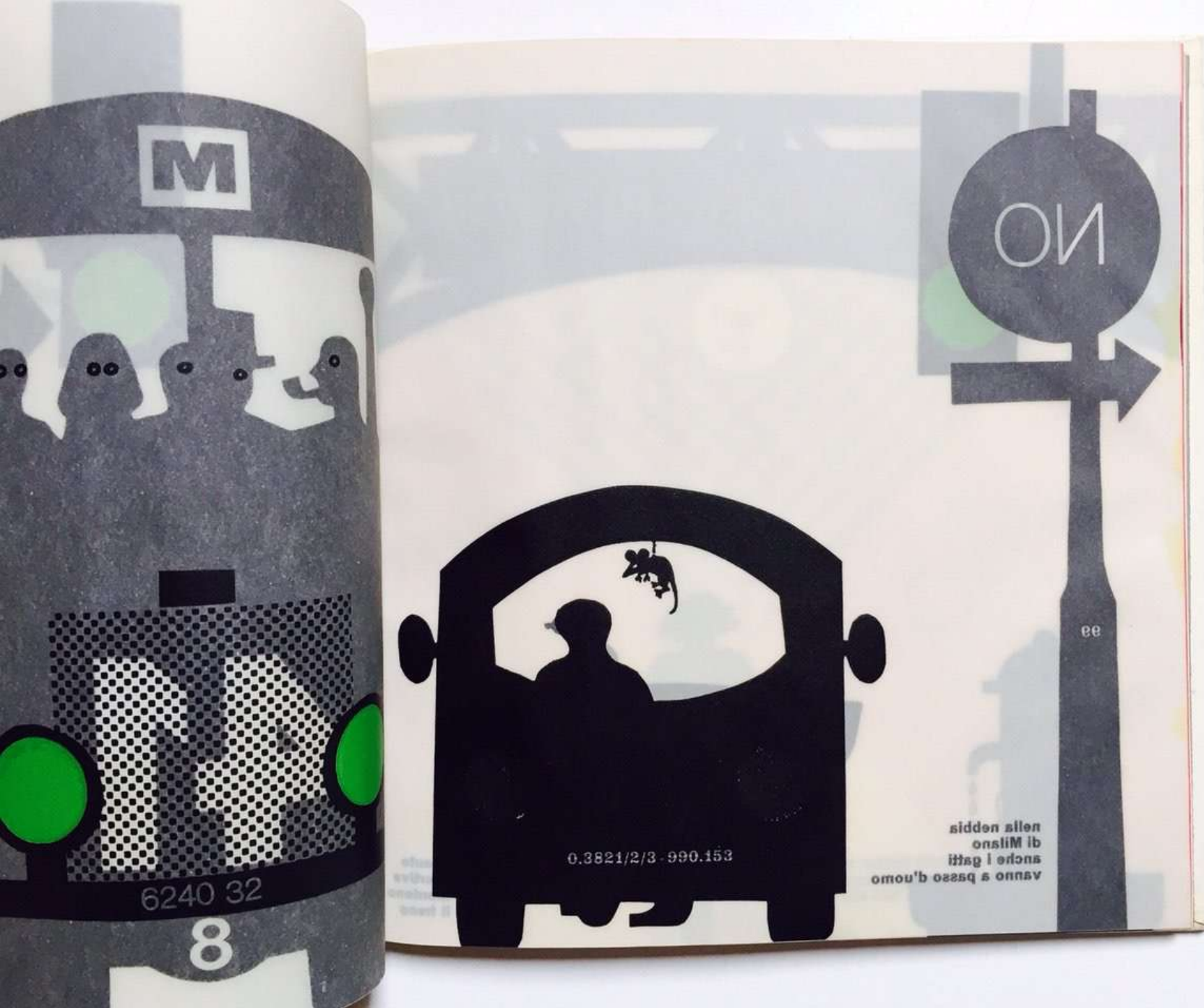
Anche nel traffico ci sono i pericoli, ma Cappuccetto ha un piano segreto, d'accordo con i suoi amici canarini.

Uma série de três livros foi lançada alguns anos atrás pela editora Corraini, todas baseadas na conhecida Chapeuzinho Vermelho, publicada nos anos 1970 para a série Tantibambini da editora Einaudi. Nessa obra, o designer recorre a um de seus procedimentos criativos para gerar surpresas e enaltece, em cada livro, uma cor diferente, tornando-a protagonista. Acima, “Chapeuzinho Amarelo / Cappuccetto Giallo”: o caos do ambiente urbano, representado por ousadas experimentações em xerox, contrasta com o singelo desenho da Chapeuzinho.



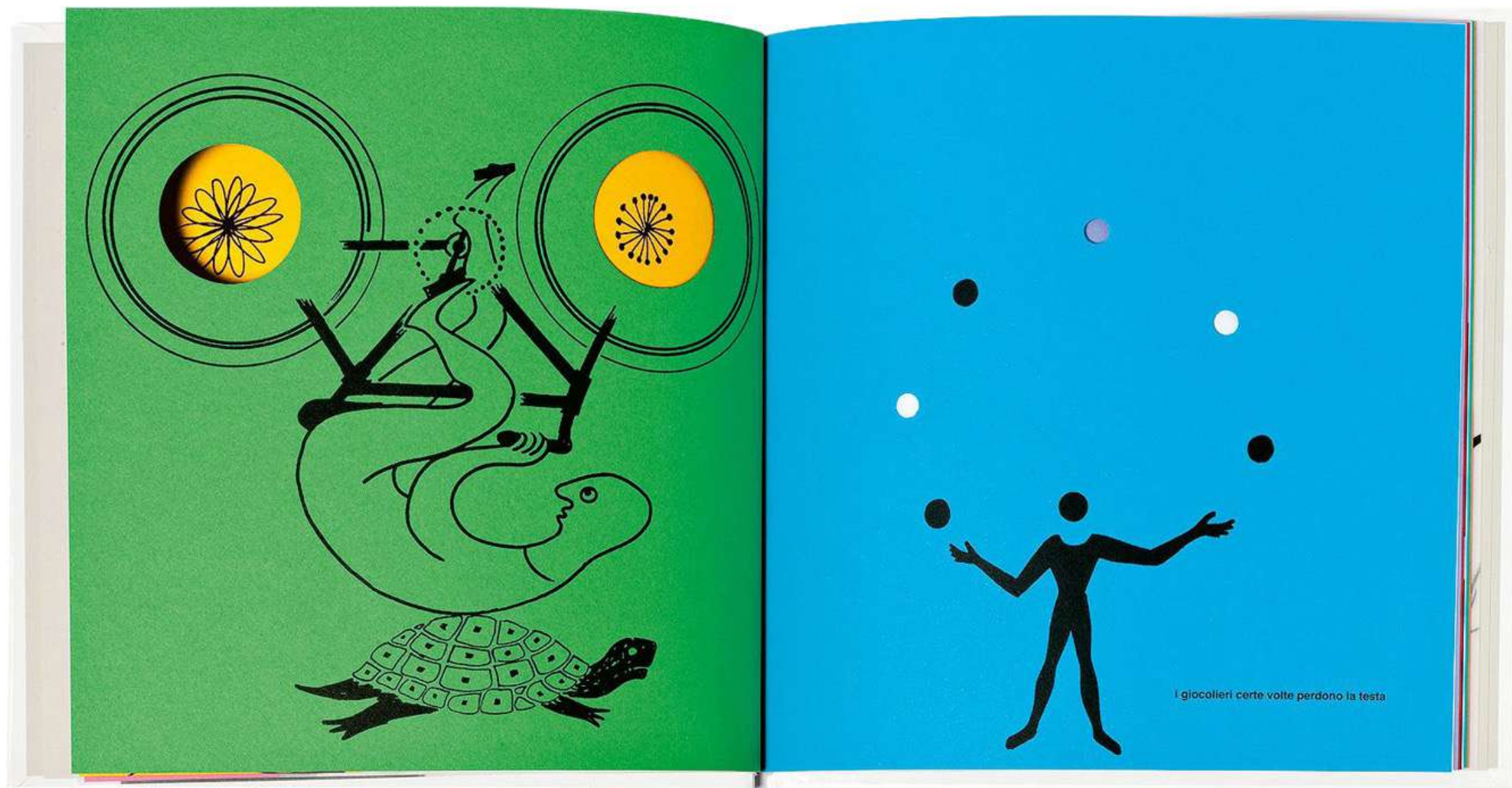
Outro livro infantil, “Nella Nebbia di Milano”, publicado originalmente em 1968, também traz diferentes trechos com exploração de transparências e cortes.

Ao lado, capa do livro.



Bruno Munari:
"Nella Nebbia di
Milano",
publicado
originalmente
em 1968.

Ao lado, página
dupla com
transparências
que exploram a
névoa de Milão.



Bruno Munari: "Nella Nebbia di Milano", publicado originalmente em 1968.

Acima, página dupla com páginas coloridas sobre o ambiente circense que exploram orifícios capazes de conectar as imagens.



Bruno Munari: "Nella Nebbia di Milano", publicado originalmente em 1968.

Acima, página dupla com páginas coloridas sobre o ambiente circense que exploram orifícios capazes de conectar as imagens.

ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO INFANTIL

Processo Criativo

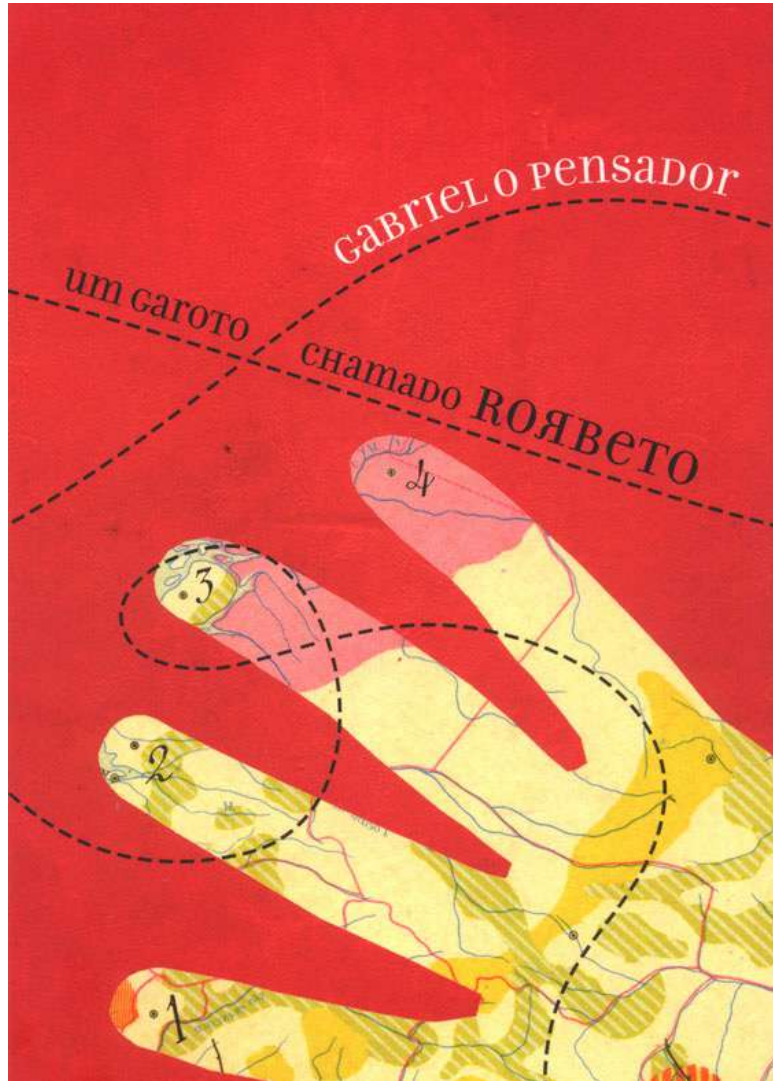
Livro “Um garoto chamado Rorbeto”

Vamos agora acompanhar o processo criativo do livro “Um garoto chamado Rorbeto”, com texto do músico Gabriel o Pensador e ilustrações de Daniel Bueno, lançado pela Cosac Naify em 2005.

O processo de criação foi longo e envolveu muitos testes, rascunhos, ajustes, etc. Muitas ilustrações foram descartadas durante esse processo.

O trabalho envolveu também um trabalho de adequação e edição que desafiou o ilustrador a sair de seu estilo habitual. Vamos observar como o profissional lidou com isso e definiu caminhos para gerar essa obra bem-sucedida, vencedora do Prêmio Jabuti na categoria Melhor Livro Infantil e outros prêmios.

UM GAROTO CHAMADO RORBETO

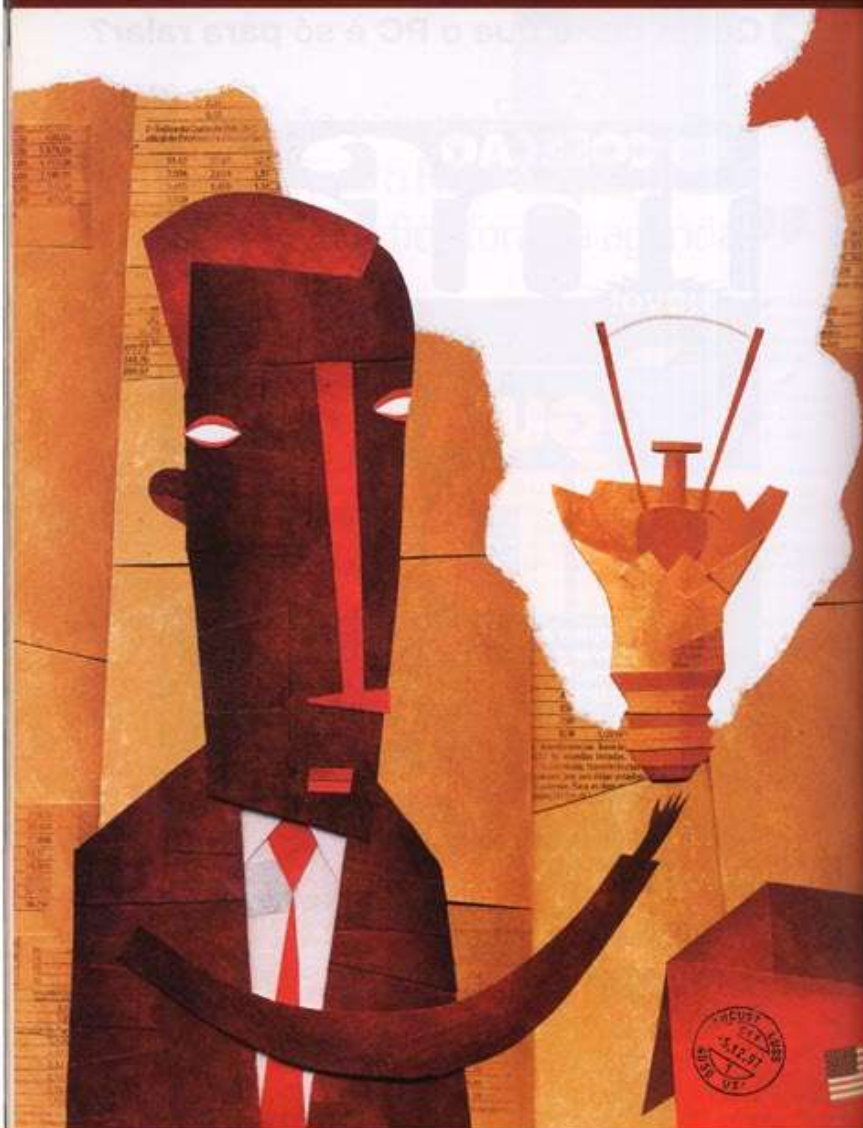


Capa da primeira edição do livro “Um garoto chamado Rorbeto”, texto do músico Gabriel o Pensador e ilustrações de Daniel Bueno.

Projeto gráfico de Elaine Ramos e Luciana Facchini, coordenação editorial de Augusto Massi e Paulo Werneck.

O cartunista Ziraldo foi “padrinho” do projeto, fez o texto da orelha e orientou o autor em alguns momentos.

Cosac Naify, 2005.



Solução que chega pronta da matriz funciona?

Como os CIOs encaram a difícil tarefa de adaptar — ou, pior, recusar — os sistemas feitos para serem usados globalmente

por FRANÇOISE TERZIAN,
ILUSTRAÇÃO DANIEL BUENO

HAJA JOGO DE CINTURA. Dizer não a uma solução que chega pronta da matriz nem sempre é uma tarefa fácil. A resposta negativa muitas vezes é interpretada pela corporação como má vontade. E o que poderia ser tirado de letra acaba se tornando um problema para o CIO, que fica entre a cruz e a espada. Quando a solução é boa, já pensada para ser implementada de forma global e modular, melhor para todos. Afinal, serão necessários só uns ajustes aqui, outros ali e tudo estará funcionando de forma redonda e padronizada. Mas nem sempre as coisas acontecem dessa forma. E muitos CIOs penam para tropicalizar, ou, pior, recusar, a ferramenta pronta. Info CORPORATE ouviu CIOs de multinacionais para descobrir como se comportam quando têm de encatar as soluções vindas da matriz.



José Adalberto
Ferrara



Gregório Pulaino



Mauro Pinto



José Luís Módica



Juan Pedro
García Gravel

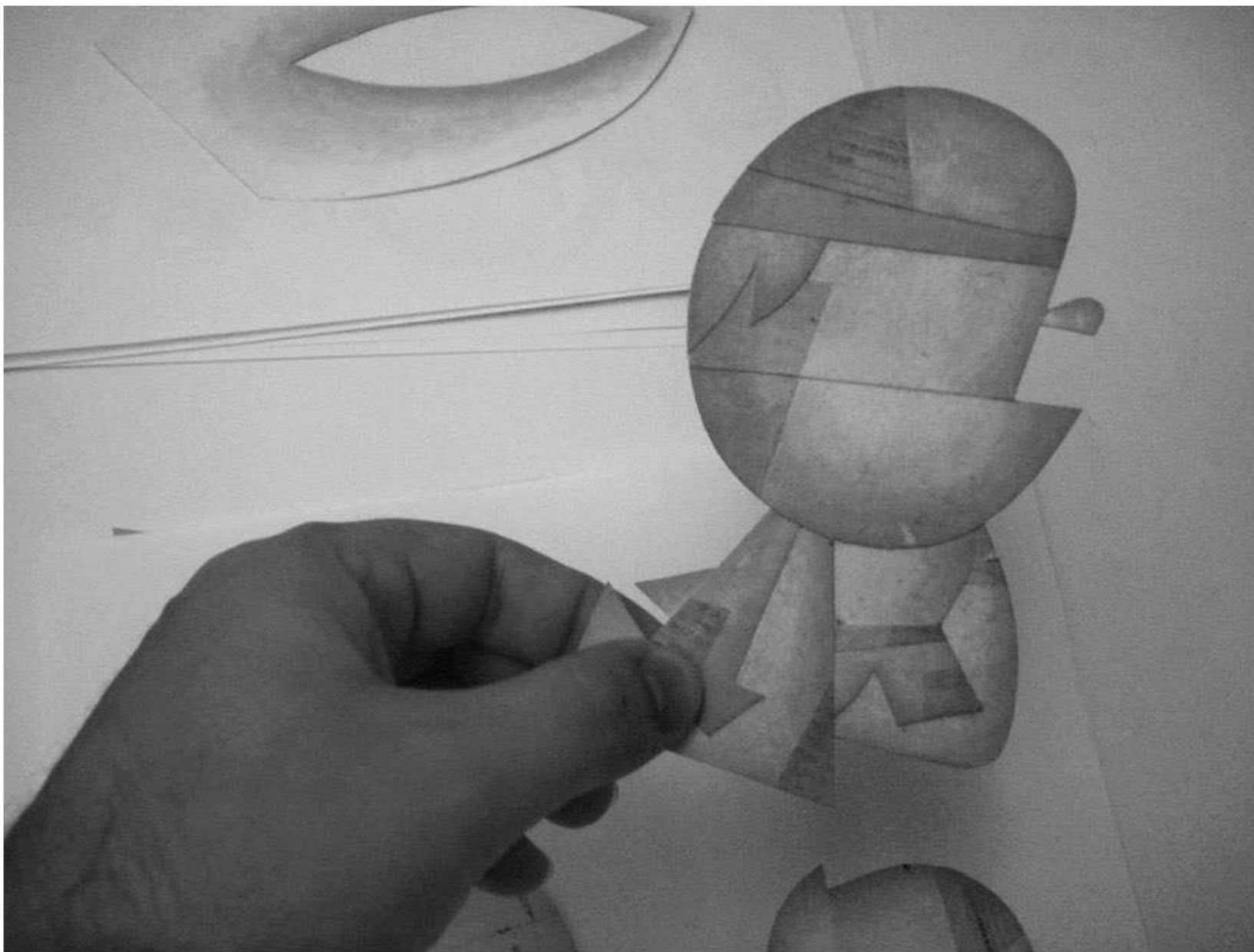


César Almeida

CONTEXTO

No começo de carreira meu estilo era caracterizado por formas geométricas e colagem com texturas, num processo criativo que envolvia mixed media.

Ao lado, ilustração de Daniel Bueno para a revista Info Corporate.



Comecei trabalhando para revistas e jornais e depois de um tempo, em 2004, illustrei meu primeiro livro infantil: “O Pequeno Fascista”, texto de Fernando Bonassi, Cosac Naify.

Foto: imagem do “bonequinho” do personagem Pequeno Fascista, uma peça solta feita com mixed media que seria escaneada e finalizada no Photoshop.



Ao lado:
impressão de
ilustrações do livro
“O Pequeno
Fascista” e peças
originais na
exposição “Linhas
de Histórias: um
panorama do livro
ilustrado no
Brasil”, SESC
Belenzinho, 2011.

POBRES DA SUPERLITA

SEXO NA BOCA DO POVO



Imagine a situação: um menino chega para uma amiga e comenta que está com dores na virilha. A menina, vermelha de vergonha, fica sem jeito e vai embora. Hoje, essa cena não faria o menor sentido, mas no século XIII provavelmente a reação da menina seria compreendida na hora, se levamos em conta que a palavra virilha não era um termo muito educado para se dizer a uma moça. Assim como a palavra virilha, muitas outras surgiram com uma conotação sexual ou chula e, hoje, são empregadas no dia-a-dia sem o menor pudor. Todos os dias usamos uma quantidade enorme de palavras e nem paramos para pensar sobre como elas se originaram, qual foi sua evolução histórica ou por que elas tiveram seu significado mudado. E essa troca de sentido vem ocorrendo cada vez com maior rapidez, seguindo o ritmo das transformações sociais.



É no cotidiano da população que as palavras ganham novos sentidos. O que antes era educado dizer pode virar obscuro e termos antes vulgares viram gírias simpáticas ou palavras triviais. E não é só na cultura popular que a história dos vocábulos ficou esquecida. No Brasil, são poucos os dicionários etimológicos que podem ajudar a trazer à tona os significados que ficaram perdidos no tempo. A Super facilitou o trabalho dos mais preguiçosos e decidiu mostrar algumas pérolas.

Outra corrente etimológica admite bacana como uma variante da palavra macana, que significa "clava, maça, tacape" — arma dos índios taíno; do Haiti, depois difundida entre outros indígenas de países da América hispânica. De macana surgiu o derivado "macanudo", com sentido de "grosso co-

Virilha: antigamente, mais precisamente no século XIII, era tida por palavra obscena, pois deriva do latim *virilis*, nome dado às partes sexuais do homem. Com o passar do tempo, e possivelmente pela proximidade anatômica, a palavra comportou-se e passou a designar apenas os músculos localizados na junção da coxa com o tronco. Perdeu assim totalmente sua conotação sexual. Ainda bem. Imagine só a confusão que seria cada vez que um locutor de futebol tivesse de anunciar que um jogador teve problemas na virilha.

Esculhambar: esse verbo tem origem muito mais obscena do que se pode imaginar. Esculhambar vem do termo chulo "colhão" (testículo) e apareceu com esse sentido no final do século XIII. E a coisa não para por aí. Há estudiosos que afirmam que o vocábulo não foi oriundo de colhão, mas de ânus, daí a palavra esculhambar ter na segunda sílaba um sinônimo mais vulgar para o termo. O processo pelo qual esse verbo deixou seu passado chulo é pouco conhecido. Atualmente, a palavra é sinônimo de avacalhar, desmoralizar e ridicularizar.

Bacana: o termo é muito usado entre os jovens para designar quando uma coisa ou uma pessoa é boa, bonita ou legal. A teoria mais conhecida sobre o passado desse vocábulo afirma que bacana se originou da palavra bacanal — famosa festa em homenagem a Baco, deus do vinho na Roma antiga. Na mesma linha, alguns conhecedores da língua consideram que bacana seja o sinônimo feminino de bacano, termo utilizado para definir as mulheres que participavam das bacanais.

Mas atenção! Para a maioria dos dicionários etimológicos existentes no Brasil e dos conhecedores da língua portuguesa, essa teoria não passa de uma pegadinha de muito mau gosto. Segundo eles, coltado vem de coita — palavra

mo um tacape", que depois passou a significar "grande" e "extraordinário".

Babaca: é difícil acreditar que um insulto tão inofensivo e tão comum tenha sido usado, em tempos antigos, como sinônimo chulo do órgão sexual feminino. Ainda é possível encontrar esse "lado negro" da palavra nos dicionários, mas na linguagem oral ela é muito mais utilizada para designar aquela pessoa sem personalidade. Babaca vem do latim *balbu*,

Babaca já foi um sinônimo chulo do órgão sexual feminino

originalmente gago, que deu bobo, sendo boboca e babaca algumas de suas derivações. Se é difícil pensar que babaca já foi sinônimo grosseiro de vagina, é ainda mais duro admitir que babaque, hoje o mesmo que besteira ou asneira, era o termo utilizado para indicar "o gosto de fofinhar a babaca", como registra o *Dicionário de Termos Eróticos e Afins*.

Coitado: há contradições sobre a origem desse vocábulo. É claro que, pela semelhança, os mais espertinhos irão deduzir rapidamente que coitado vem de coito (ato sexual). E, para alguns especialistas, essa associação está correta. Eles acreditam que a palavra tenha se originado do latim *coitus* — união, cópula —, que se mesclou com o participio do verbo *coagere*, *coactus*. Esse verbo (que significava juntar) seguiu vivo no espanhol com os verbos *coger* e *agarrar*, que vulgarmente indicam o ato sexual. Para essa teoria é possível que exista a relação de coitado com desgraçado — afinal, antigamente o ato sexual era usado metaforicamente para designar desgraça e aflição das donzelas que perdiam a virgindade.

Mas atenção! Para a maioria dos dicionários etimológicos existentes no Brasil e dos conhecedores da língua portuguesa, essa teoria não passa de uma pegadinha de muito mau gosto. Segundo eles, coitado vem de coita — palavra

presente nos dicionários atuais e que manteve seu sentido original como sinônimo de desgraça, aflição, pena ou mal.

Aporrinhar: a mesma coisa que apouquentar ou abonecer-se. O termo surgiu no final do século XIX e é um vocábulo que faz parte do grupo dos descendentes da palavra porra, tais como pôr, porrada (grande quantidade ou pancada), esporro (bronca, na linguagem coloquial) e porra-louca (pessoa sem noção de responsabilidade).

Todas elas perderam a conotação sexual que sua palavra de origem mantêm até hoje. Porra, definida nos dicionários como esperma ou pênis, é um termo antigo que significava "clava com saliência arredondada num dos extremos". Por ironia do destino, o vocábulo porra, até o século XV, estava longe de fazer parte do clã dos palavrões e do vocabulário chulo. Ele servia para designar um cetro eclesástico usado por autoridades da Igreja durante procissões e outras cerimônias.

Recuar: não é preciso muita imaginação para decifrar de onde provém esse vocábulo, sinônimo de hesitar e recuar. A palavra é derivada do latim *reculare*, assim como os termos *recular* (espanhol), *rimulare* (italiano) e *reculer* (francês), todos com origem datada do século XVI. O verbo *recuar* é formado por um substantivo, *cu*, o prefixo *re* e o sufixo *ar*, que indica ação. Ou seja, *recuar* é literalmente ir com o ** (os asteriscos representam uma palavra, sinônimo de ânus, que foi vetada da censura) para trás. É também a ação de evitar ser acudado, isto é, ser ameaçado de tomar lá naquele lugar. **E**

EVYLA REBELLO

PARA SABER MAIS

NA LINGUAGEM
De André Vitor de Moraes,
Prêmio e Condições da Língua Portuguesa,
Instituto de São Paulo, São Paulo, 1997.

Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa,
Análise e Tratamento da Língua Portuguesa,
Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1999.

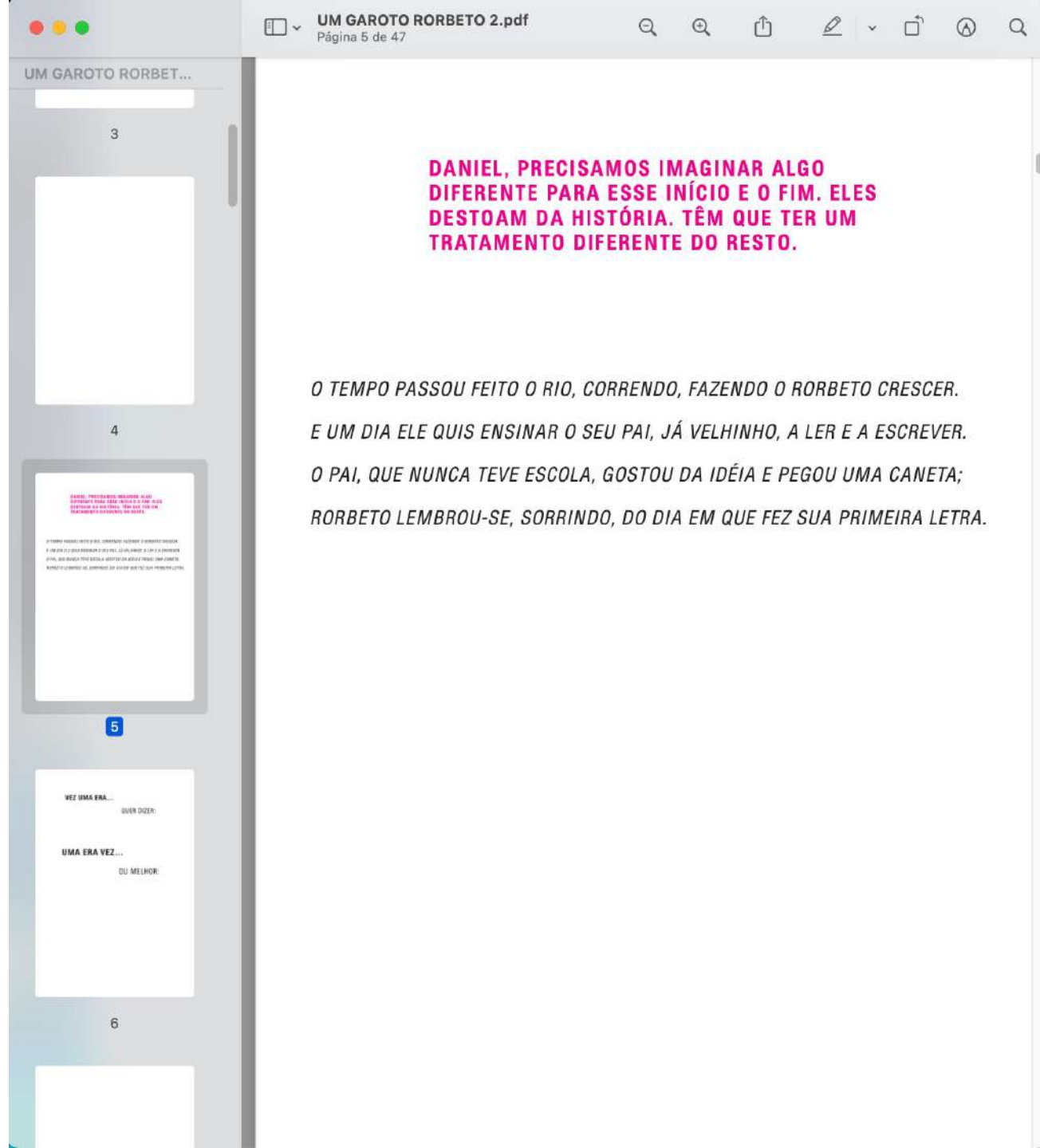
Dicionário de Termos Eróticos e Afins,
Hemus de Almeida,
Londrina, Paraná, 1991.

Dicionário da Língua Portuguesa e Termos Afins,
Mário de Moraes, Alameda, Rio de Janeiro, 1998.

Dicionário da Língua Portuguesa,
Editora Alameda, São Paulo, 1999.

Apesar do estilo marcante, eu já tinha explorado soluções alternativas com clichês e figuras de dicionários nessa que foi uma das minhas primeiras ilustrações publicadas.

Ilustração de Daniel Bueno, publicada primeiro da revista Plug (Curso Abril de Jornalismo) e depois na Superinteressante, Editora Abril, 2002.



INÍCIO DO PROCESSO CRIATIVO

No início, recebi um briefing, fiz uma reunião e a designer enviou também um PDF com o texto e sugestões.



Depois de uma primeira fase com testes de estilo e muitos desenhos feitos com traço a lápis, partimos para uma segunda fase com aposta na colagem.

As primeiras ilustrações traziam os personagens em destaque.

Surgiu um estilo diferente, sem os habituais tratamentos de mixed media empregados (como aplicação de pintura com tinta acrílica nas peças pra reforçar o sombreamento).



O ponto de partida foi explorar nas colagens elementos do universo escolar da história.

Com o tempo começaram a aparecer ilustrações mais “gráficas”, menos situacionais e sem os personagens.



1.psd



amarelo loja.psd



amarelo.psd



azul2.psd



caminhos.psd



dupla1.psd



dupla2.psd



laranja.psd



mao final.psd



marrom.psd

Monteiro
Lobato.psdpapel
pautado.psd

SEISjpg.jpg

textura Monteiro
Lobato.psdvermelho
kamikase.psd

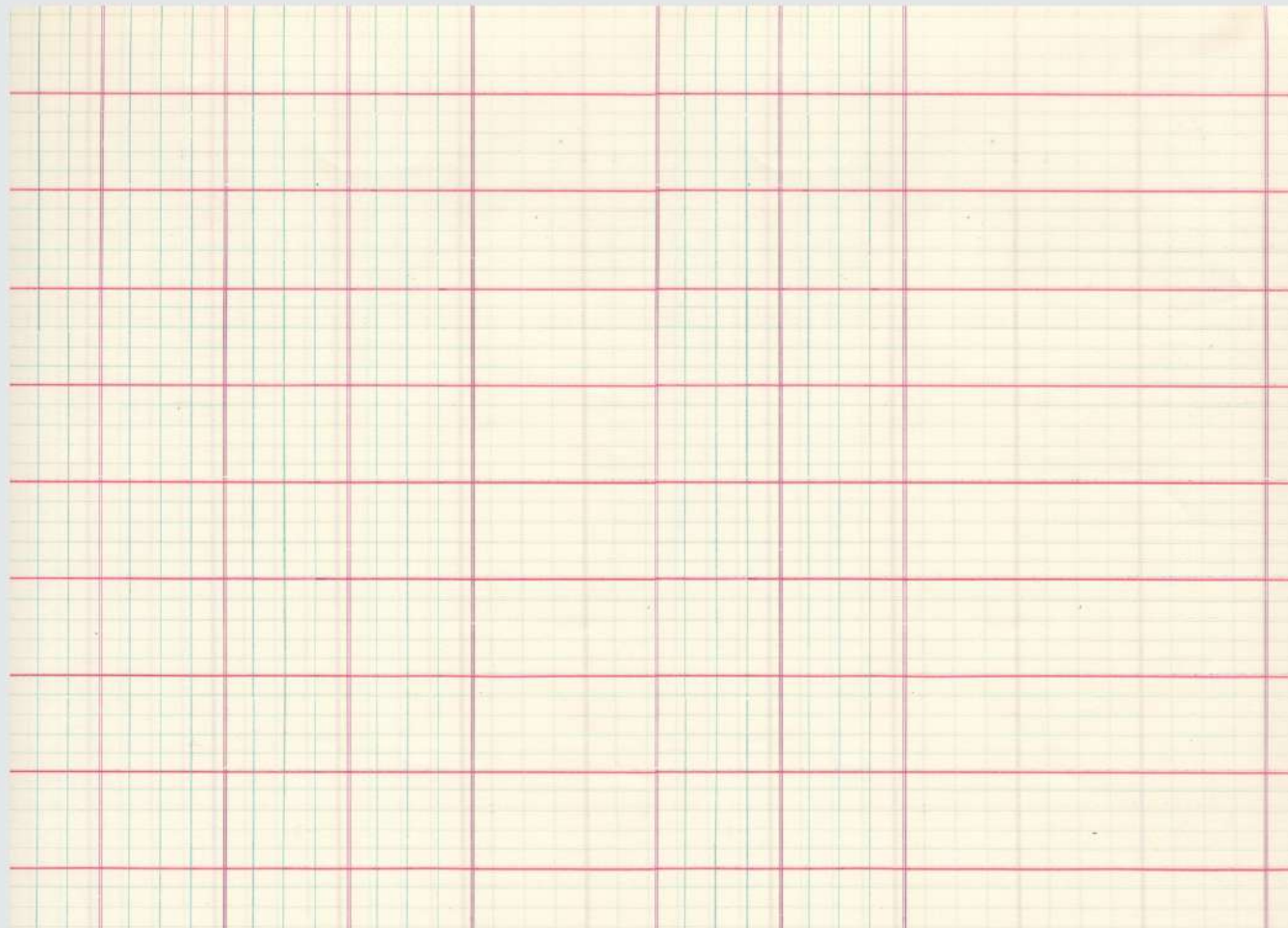
yellow.psd

Depois de definida a abordagem com colagem, passei a visitar sebos e comprar cartilhas antigas. Também ia a papelarias em busca de papéis, cadernos, etc. Consegui papéis com amigos também – peguei emprestados, escaneei e fui juntando tudo numa pastinha.

dupla1.psd



Abrir com Adobe Photoshop 2021



REFAZER

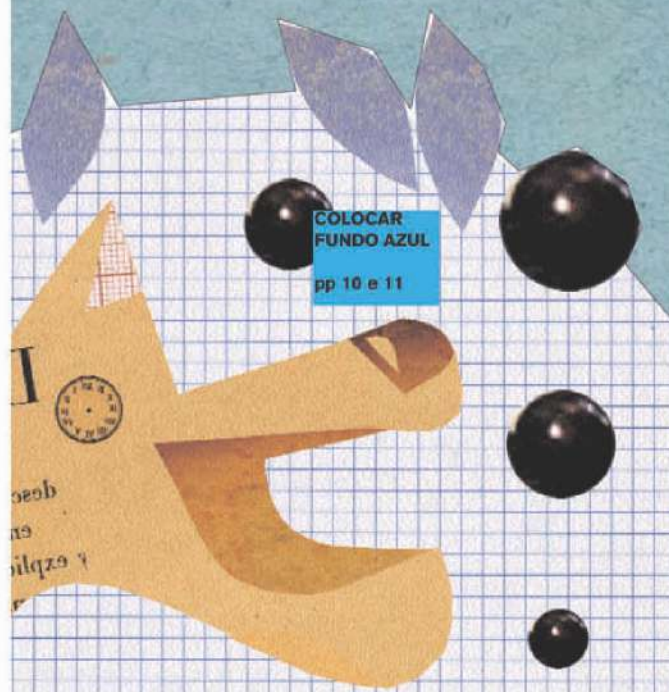
pp 6 e 7

ERA UMA VEZ UM MENINO **QUE ERA MUITO ATRAPALHADO.**
O SEU NOME ERA ESQUISITO, **PORQUE FOI ESCRITO ERRADO.**
É QUE O PAI SEMPRE SE ATRAPALHAVA, **SEM PARAR,**
E LHE DEU UM NOME COM UMA LETRA

FORA DO LUGAR

QUANDO O MENINO NASCEU,
O DOUTOR VIU QUE ERA HOMEM
E FALOU PARA OS PAIS DELE:
– JÁ ESCOLHERAM O NOME?
MAS SEU PAI NÃO TINHA TIDO ESCOLA.
ERA ANALFABETO.
NÃO SABIA NEM FALAR DIREITO,
E FALOU

NÃO TINHA NEM LUZ NEM GÁS **NAS CASAS DO POVOADO.**
O BANHO ERA DE ÁGUA FRIA E **NINGUÉM FICAVA ESQUENTADO.**
DE DIA SE ABRIA A JANELA, **PRA ACENDER A LUZ DO SOL.**
DE NOITE ACENDIAM-SE AS VELAS, **E ACABAVA O FUTEBOL.**



PENSOU QUE SE FOSSE LIGEIRO

NINGUÉM FICARIA CONTANDO

OS DEDOS DA SUA MÃOZINHA,

PRA VER QUE ELA TINHA UM SOBRANDO.

refazer:
passagem
pra figuração

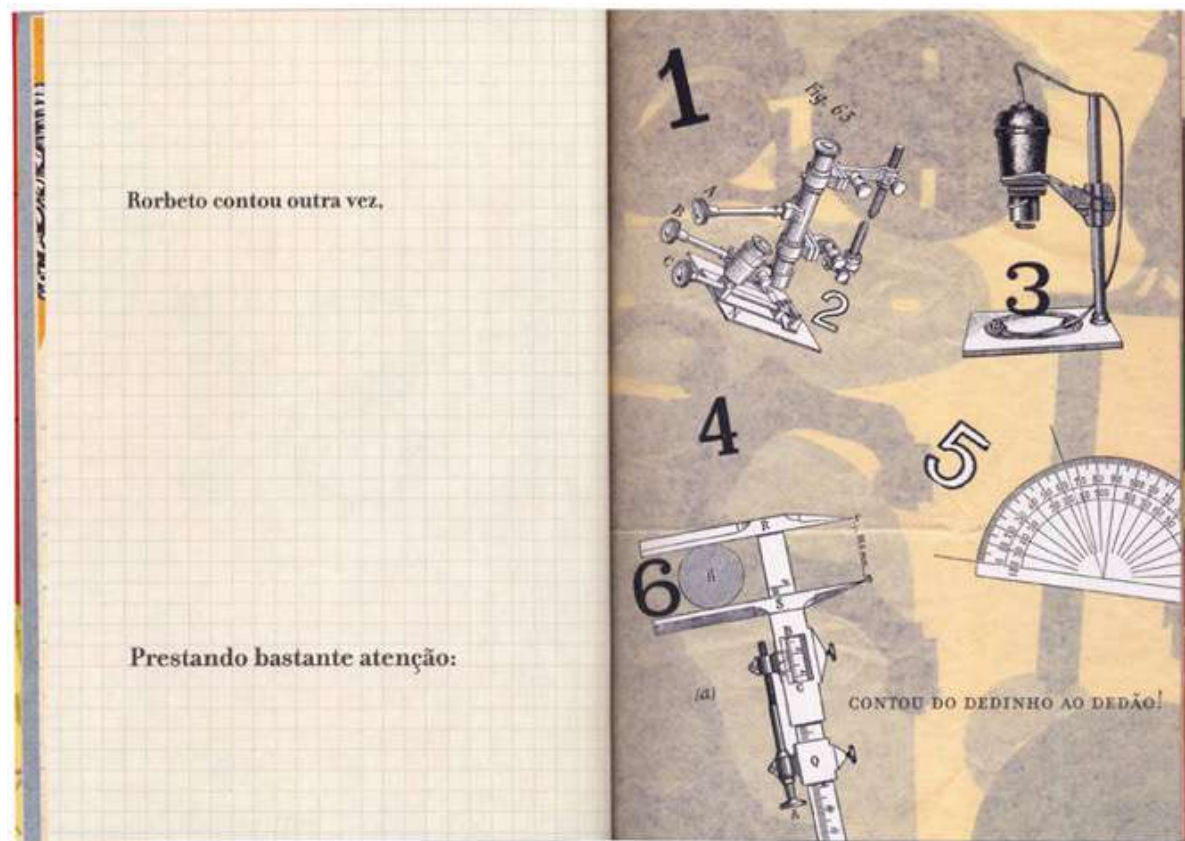
pp 30 e 31



À medida que ia criando, a equipe da Cosac fazia observações, em muitos casos pedindo ajustes.



Ao longo do processo criativo fui testando soluções, fazendo ajustes e eliminando ilustrações que podiam ser substituídas.



Exemplos de ilustrações que exploram clichês e elementos de dicionários e livros didáticos, deixando os personagens de lado. Reparem como a página da direita mudou e não traz mais um personagem.

Pensou nos amigos que tinha:

O pai e a mãe eram dois;

Filé, o terceiro da lista.

Não lembro quem veio depois.

Contou, só na sua mão direita,

Os pais, o cachorro e mais três.

Contou do dedão ao dedinho:



Ao longo do livro acontecem trechos com páginas interconectadas.

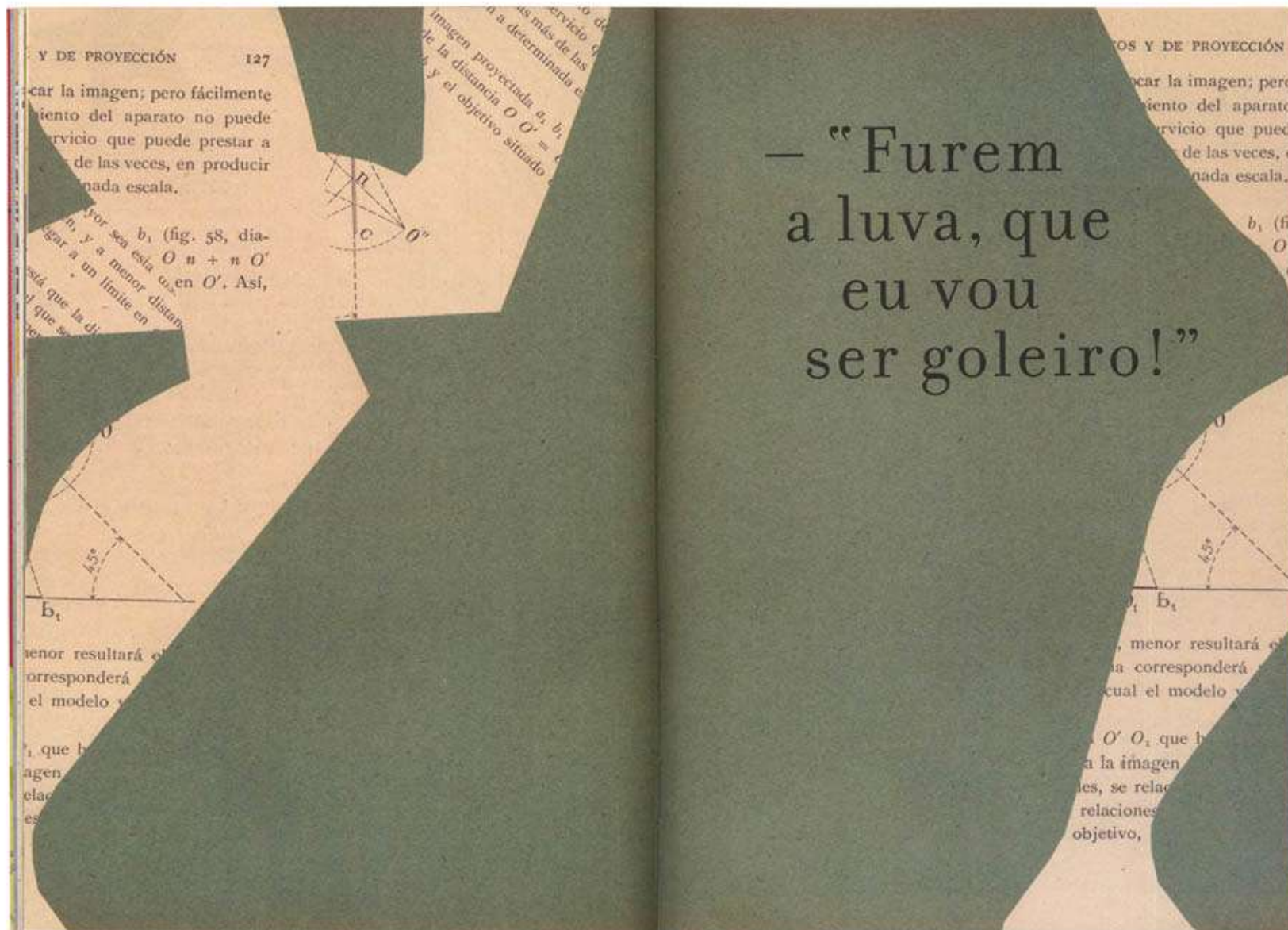
Ao lado, uma página dupla que aponta para uma surpresa na página seguinte.



seis!

Indústria Gráfica Cruzeiro do Sul Ltda., Imprimão — S. Paulo

Preço: Cr\$ 14,00



Mais para o final do processo criativo apareceram páginas em abordagem madura, que apontavam para um maior domínio da linguagem por parte do ilustrador.

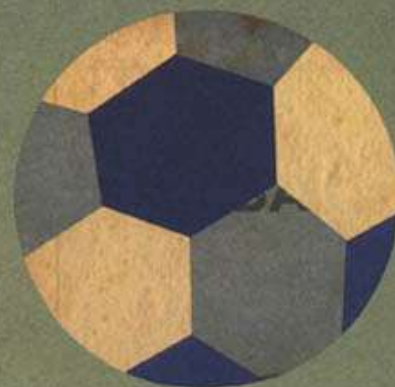
ocar la imagen; pero fácilmente
amiento del aparato no puede
servicio que puede prestar a
de las veces, en producir
cada escala.

b_1 (fig. 58, dia-
 $O n + n O'$
en O' . Así,



menor resultará
corresponderá
cual el modelo y

$O' O_1$ que h
la imagen
es, se rela
relaciones
objetivo,



Ele é assim, o Gabriel. Criado ao pé de uma das maiores favelas do Rio, transitou sua infância da praia até o alto do morro. Este é o seu universo! Um universo cheio de uma verdade comovente.

Olha: sou fã ardoroso do rapaz e fiquei feliz de vê-lo aventurar-se agora pelo mundo da literatura destinada às crianças. Ia acabar acontecendo com o Gabriel como resultado exato de seu talento e de sua criatividade.

A história que conta aqui é, como ele, originalíssima, narrada com alegria e inventiva. Aliás, muita inventiva — palavra que o Reynaldo Jardim adora — o que o torna, de saída, uma grande figura do clube a que pertence.

A editora confiou no produto e caprichou no acabamento. O livro está graficamente bonito, moderno, uma bela moldura para o que Gabriel começa a inventar para as crianças do Brasil. Que, sei — porque já vi — gostam muito dele.

Gabrielzinho, bem-vinda ao clube!

Ele é assim, o Gabriel. Criado ao pé de uma das maiores favelas do Rio, transitou sua infância da praia até o alto do morro. Este é o seu universo! Um universo cheio de uma verdade comovente.

Olha: sou fã ardoroso do rapaz e fiquei feliz de vê-lo aventurar-se agora pelo mundo da literatura destinada às crianças. Ia acabar acontecendo com o Gabriel como resultado exato de seu talento e de sua criatividade. A história que conta aqui é, como ele, originalíssima, narrada com alegria e inventiva. Aliás, muita inventiva — palavra que o Reynaldo Jardim adora — o que o torna, de saída,

GABRIEL O PENSADOR
um caroto chamado RORBETO

Pra mim, um dos melhores meninos da geração do Gabriel O Pensador e Gabriel O Pensador. Não sei se ele conquistou minha simpatia irrestrita pelo seu jeito verdadeiro de ser ou porque me pareceu ser uma pessoa extremamente generosa. Eu amo pessoas generosas. Ele tem, também, talento e perseverança. Quando essas duas qualidades se juntam numa pessoa só resultam num produto humano de primeira qualidade.

Tive a oportunidade de entrevistá-lo para a revista *Bundas*, o que serviu para confirmar a primeira impressão que tive dele, quando o conheci nos corredores de uma estação de tv ele começando sua carreira de absoluto sucesso. Me encantou sua modéstia, seu jogo aberto, sua capacidade de ser uma pessoa profundamente confiável. Na entrevista fiquei sabendo mais coisas dele, que já havia lido muitos de meus livros infantis por conta própria, que, desde muito cedo, foi meio dono do seu nariz com a fonte principal de seu interesse voltada para o que de mais moderno havia na música do mundo inteiro.

O processo de criação da capa também não foi simples e envolveu muitos testes. Acima, a abordagem já estava definida mas ainda seria preciso estudar a disposição das linhas tracejadas.



Inspirado pela experiência, passei a aplicar clichês antigos em outros trabalhos.

Ao lado, páginas da primeira edição do zine Charivari, 2005.



Trabalho de
Daniel Bueno
para a
primeira
edição do
zine Charivari,
2005.

O GIGANTE

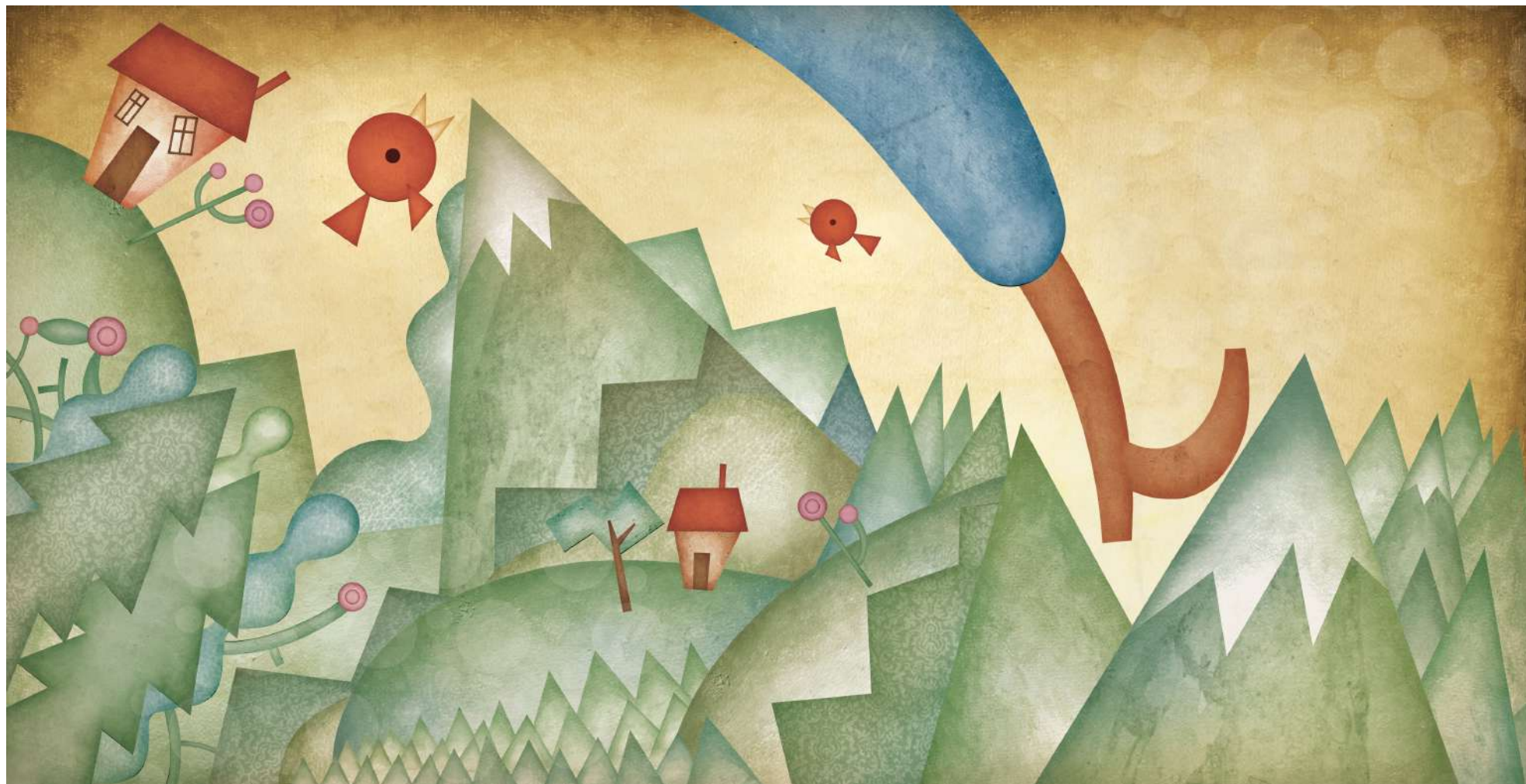


Ilustração para
página dupla de
“O Gigante”,
texto do músico
Angelo Mundy
(Tiquetê) e
ilustrações de
Daniel Bueno.
Cia. Das
Letrinhas, 2015.

ERA UMA VEZ UM GIGANTE

— O GIGANTE DO PASSO GRANDE, DO NOME ENORME,
DA BARRIGA DE ELEFANTE, DO RONCO DE ALTO-FALANTE —
QUE TINHA UM NARIZ ASSIM IMENSO
E LÁ DENTRO, MELECAS QUE NEM CABIAM NUM DEDO

O SEU ESPIRRO

ERA COMO UM TIRO
OS LENCINHOS MORRIAM DE MEDO!

ERA UMA VEZ UM GIGANTE

— O GIGANTE DO PASSO GRANDE, DO NOME ENORME,
DA BARRIGA DE ELEFANTE, DO RONCO DE ALTO-FALANTE —
QUE TINHA UM NARIZ ASSIM IMENSO
E LÁ DENTRO, MELECAS QUE NEM CABIAM NUM DEDO

O SEU ESPIRRO

ERA COMO UM TIRO
OS LENCINHOS MORRIAM DE MEDO!



ERA UMA VEZ UM GIGANTE

— O GIGANTE DO PASSO GRANDE, DO NOME ENORME,
DA BARRIGA DE ELEFANTE, DO RONCO DE ALTO-FALANTE —
QUE TINHA UM NARIZ ASSIM IMENSO
E LÁ DENTRO, MELECAS QUE NEM CABIAM NUM DEDO

O SEU ESPIRRO

ERA COMO UM TIRO
OS LENCINHOS MORRIAM DE MEDO!

ERA UMA VEZ UM GIGANTE

— O GIGANTE DO PASSO GRANDE, DO NOME ENORME,
DA BARRIGA DE ELEFANTE, DO RONCO DE ALTO-FALANTE —
QUE TINHA UM NARIZ ASSIM IMENSO
E LÁ DENTRO, MELECAS QUE NEM CABIAM NUM DEDO

O SEU ESPIRRO

ERA COMO UM TIRO
OS LENCINHOS MORRIAM DE MEDO!



ERA UMA VEZ UM GIGANTE

— O GIGANTE DO PASSO GRANDE, DO NOME ENORME,
DA BARRIGA DE ELEFANTE, DO RONCO DE ALTO-FALANTE —
QUE TINHA UM NARIZ ASSIM IMENSO
E LÁ DENTRO, MELECAS QUE NEM CABIAM NUM DEDO

O SEU ESPIRRO

ERA COMO UM TIRO
OS LENCINHOS MORRIAM DE MEDO!

ERA UMA VEZ UM GIGANTE

— O GIGANTE DO PASSO GRANDE, DO NOME ENORME,
DA BARRIGA DE ELEFANTE, DO RONCO DE ALTO-FALANTE —
QUE TINHA UM NARIZ ASSIM IMENSO
E LÁ DENTRO, MELECAS QUE NEM CABIAM NUM DEDO

O SEU ESPIRRO

ERA COMO UM TIRO
OS LENCINHOS MORRIAM DE MEDO!

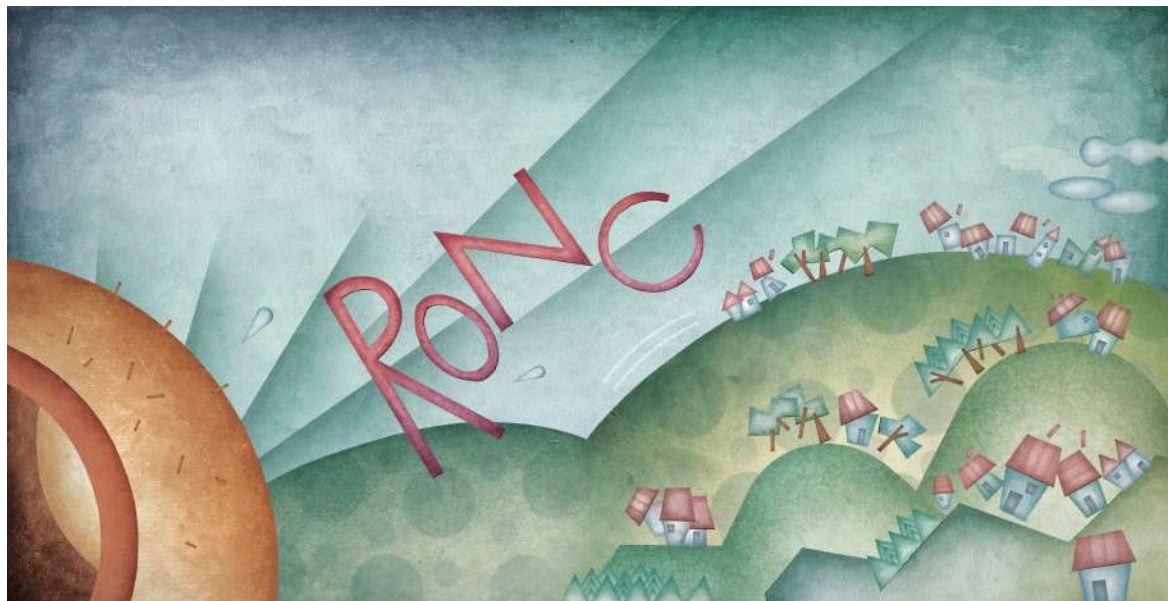


Cada passagem do livro envolveu muitos rascunhos.

Depois de um tempo a equipe concluiu que seria interessante explorar algo gradativo: o Gigante surge muito grande – e misterioso – nas cenas, e aos poucos vai aparecendo por inteiro nas páginas duplas da história.



Sequências de páginas duplas do livro. Reparem como o Gigante vai se mostrando aos poucos.



Sequências finais do livro. Na sétima página dupla o personagem finalmente aparece por inteiro, e parece estar se esforçando pra caber nas páginas.

POESIA GEOMÉTRICA



Ilustração para
página dupla de
“Poesia
Geométrica”,
texto de Millôr
Fernandes e
ilustrações de
Daniel Bueno.

Editora Nova
Fronteira, 2015.



Nessa obra o ilustrador resolveu explorar o aspecto mais “seco” dos elementos gráficos dos livros de matemática, potencializando uma beleza já existente neles.

ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO INFANTIL

Síntese

Síntese: livros representativos

Já vimos soluções sintéticas em trabalhos do ilustrador Ziraldo, como no livro Flicts.

Vamos seguir conferindo abordagens do gênero no trabalho de outros autores.

ANN & PAUL RAND



Ann & Paul Rand:
"Sparkle and
Spin", 1957.

LEO LIONNI



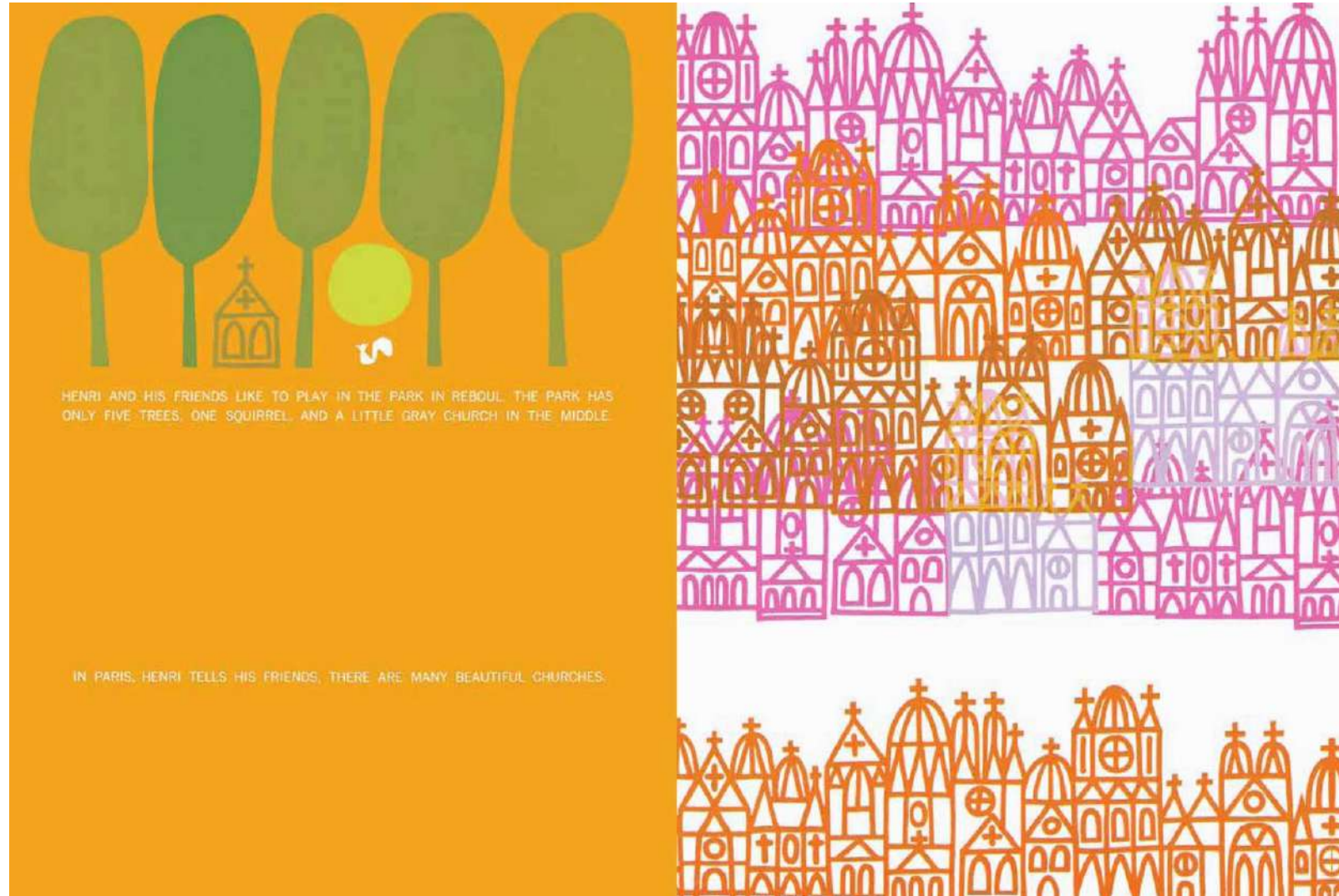
In school they sit still in neat rows.



After school they run and jump.

Leo Lionni:
"Pequeno
Azul e
Pequeno
Amarelo",
1959.

SAUL BASS



Saul Bass:
"Henri's Walk
to Paris", story
by Leonore
Klein, 1962.

EUGENIO CARMI

One fine morning three rockets took off from three different places on Earth.

In the first there was an American, happily whistling a bit of jazz.

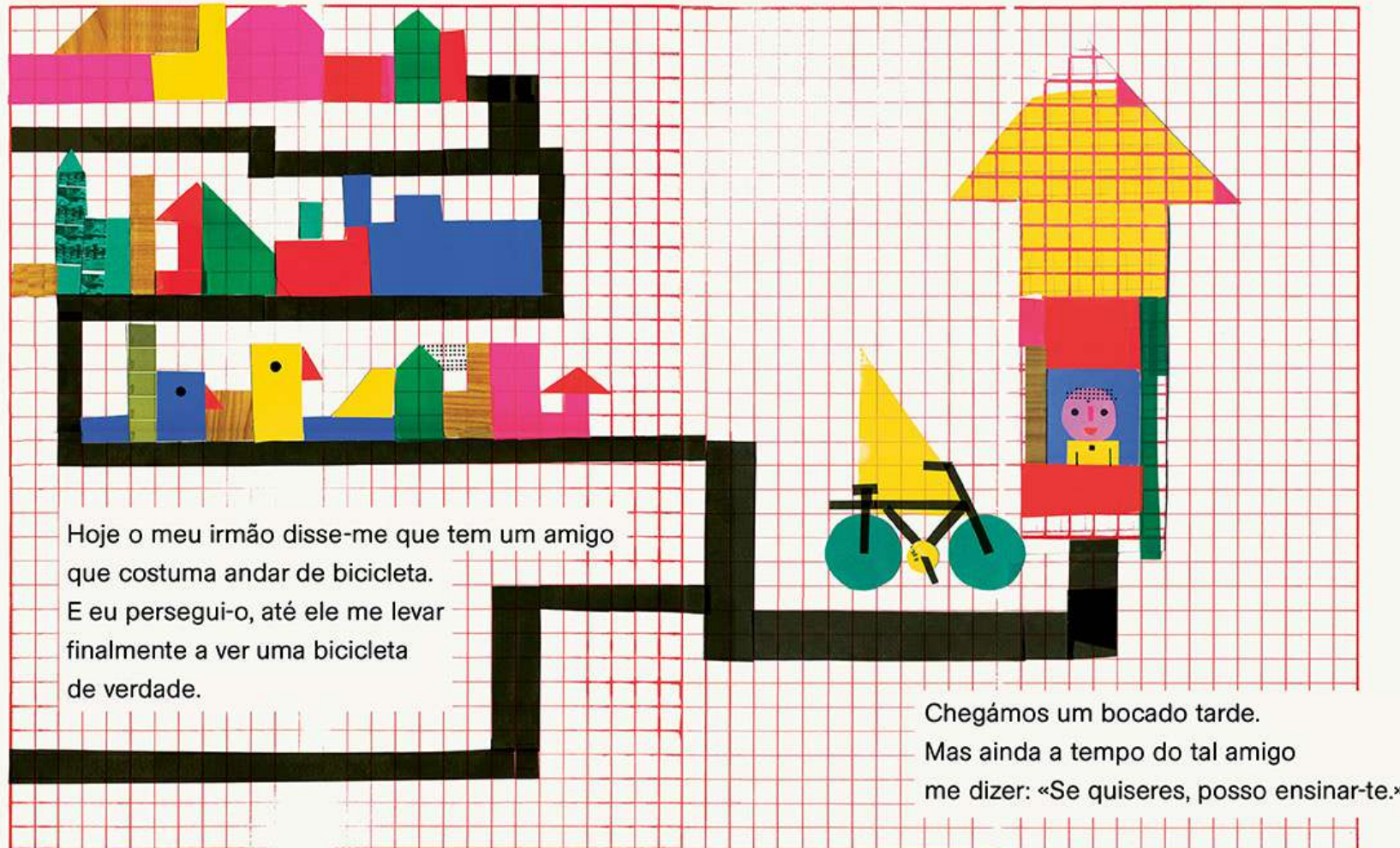
In the second there was a Russian, singing "The Song of the Volga Boatman."

In the third there was a Chinese, singing a beautiful song—though the other two thought he was all out of tune.



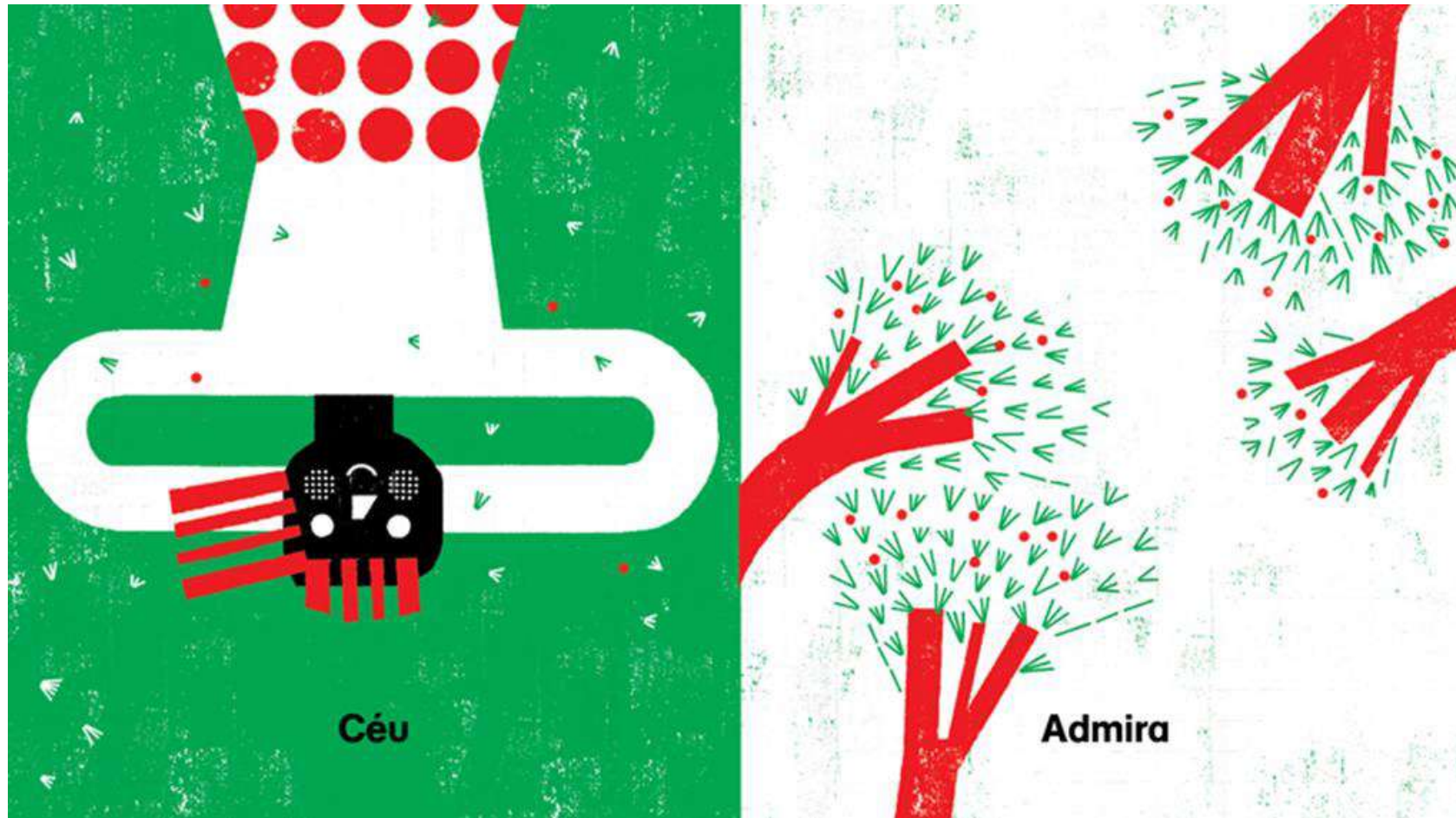
Umberto Eco
(texto) e Eugenio
Carmi: "Os Três
Astronautas",
1988.

MADALENA MATOSO/ PLANETA TANGERINA

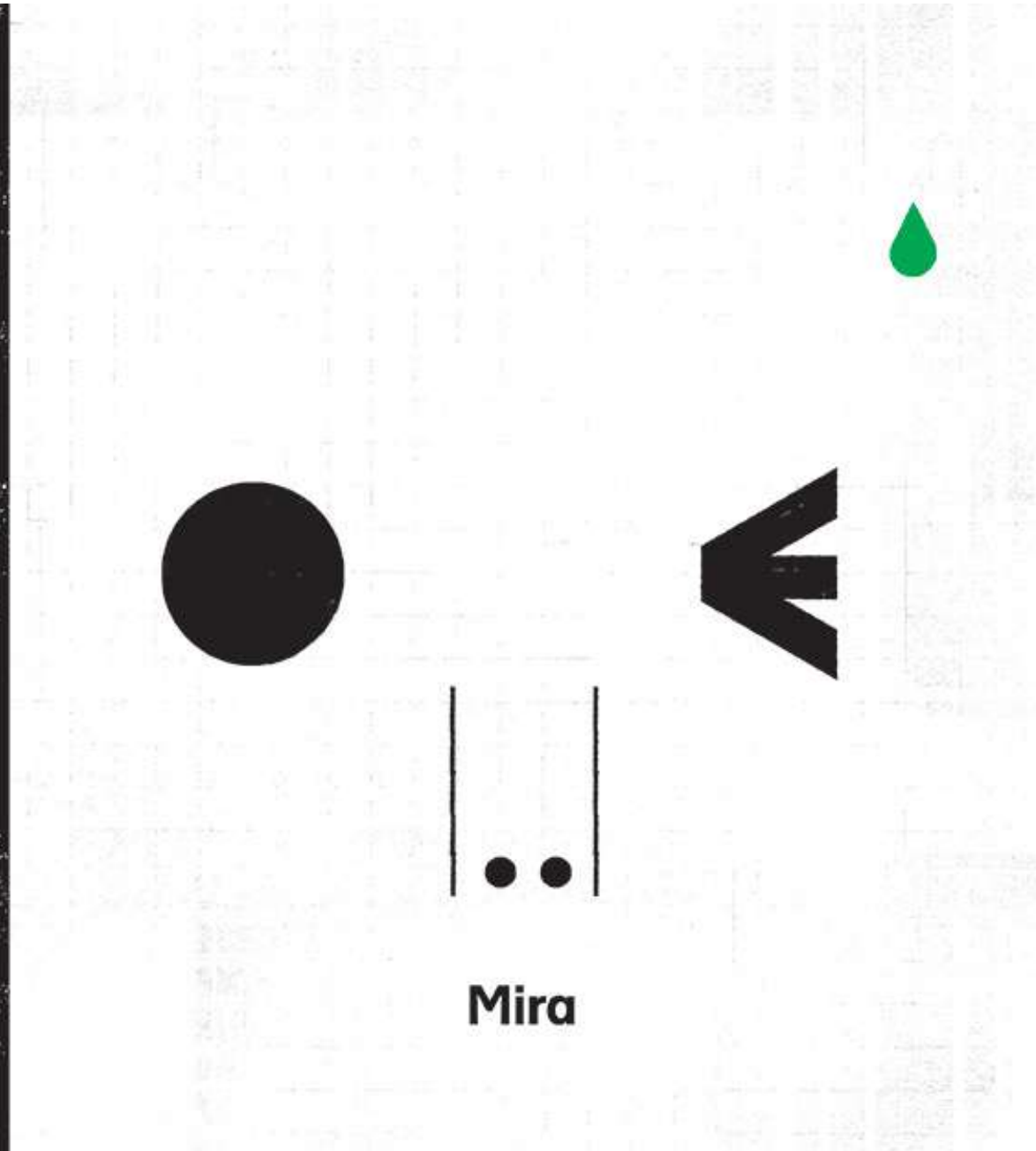


Madalena Matoso
e Isabel Minhós
Martins (texto):
“Nunca vi uma
bicicleta e os
patos não me
largam”, Planeta
Tangerina, 2012.

YARA KONO / PLANETA TANGERINA



Yara Kono e Arnaldo
Antunes (texto): livro
"Imagem", publicado
no país pela
Tordesilhinhas, 2019.



Yara Kono e Arnaldo Antunes (texto): livro "Imagem", publicado no país pela Tordesilhinhas, 2019.

ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO INFANTIL

Fotografia na ilustração

Fotografia na ilustração: livros representativos

A fotografia pode ser empregada de modo inteligente e estratégico em trabalhos de ilustração. Ter consciência disso amplia o leque de possibilidades do profissional.

Vamos conferir alguns exemplos representativos para que vocês possam perceber o potencial expressivo do uso de fotografia em livros infantis.

RODCHENKO



Dois meninos muito convencidos
Imitam a girafa e ficam parecidos.
Só que essa girafa anda de um jeito
Que vai acabar sendo multada.
Toda hora esbarra e dá topada
Porque tem os olhos no peito.

Пелька с Колькой, нас задрал,
Повторяют нрав жирафа.
Только ихняя жирафа
Дошатаётся до штрафа.
Ей не видно впереди:
Глаз у ней на груди.

Aleksander Rodchenko e Seguéi
Tretiakov (texto): “Imita Bichos”.

Os poemas são de 1926.
As ilustrações de Rodchenko
apareceram pela primeira vez em
1927 na revista Návi-LEF número 1.

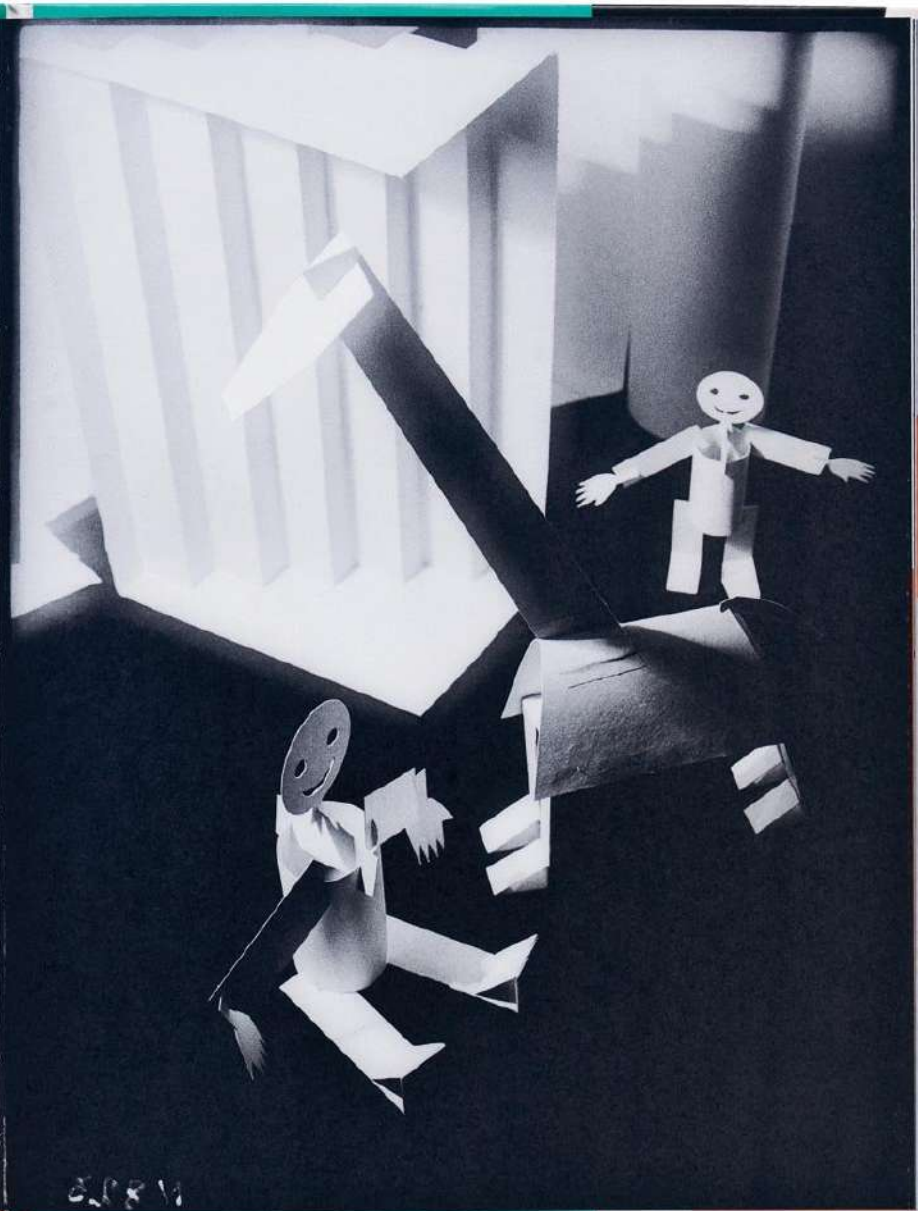
A primeira publicação em formato
livro com as ilustrações de
Rodchenko datam de 1980, na
Alemanha.

No Brasil a obra foi publicada pela
Cosac Naify em 2011, com
coordenação editorial de Isabel
Lopes Coelho e capa e composição
de Paulo André Chagas. Foi baseada
na versão da Editions MeMo,
Collection des Trois Ourses.

Galhos sem folhas, árvores peladas:
Sinal de que a girafa anda esfomeada.
Com o pescoço comprido toda vida,
Pesquisa no alto, atrás de comida.
Para ela, morar numa casa não dá pé.
Patas no porão, focinho na chaminé!
E quem é que acha graça
De respirar fumaça?

A GIRAFA

Листья все с дерев пожрав,
У дерев живет жираф.
С двухсаженной шей,
Ест и хорошеет.
В доме жить ему еда ли:
Нос в трубе, нога в подвале.
С точки зрения
Отопления
Это неудобно.

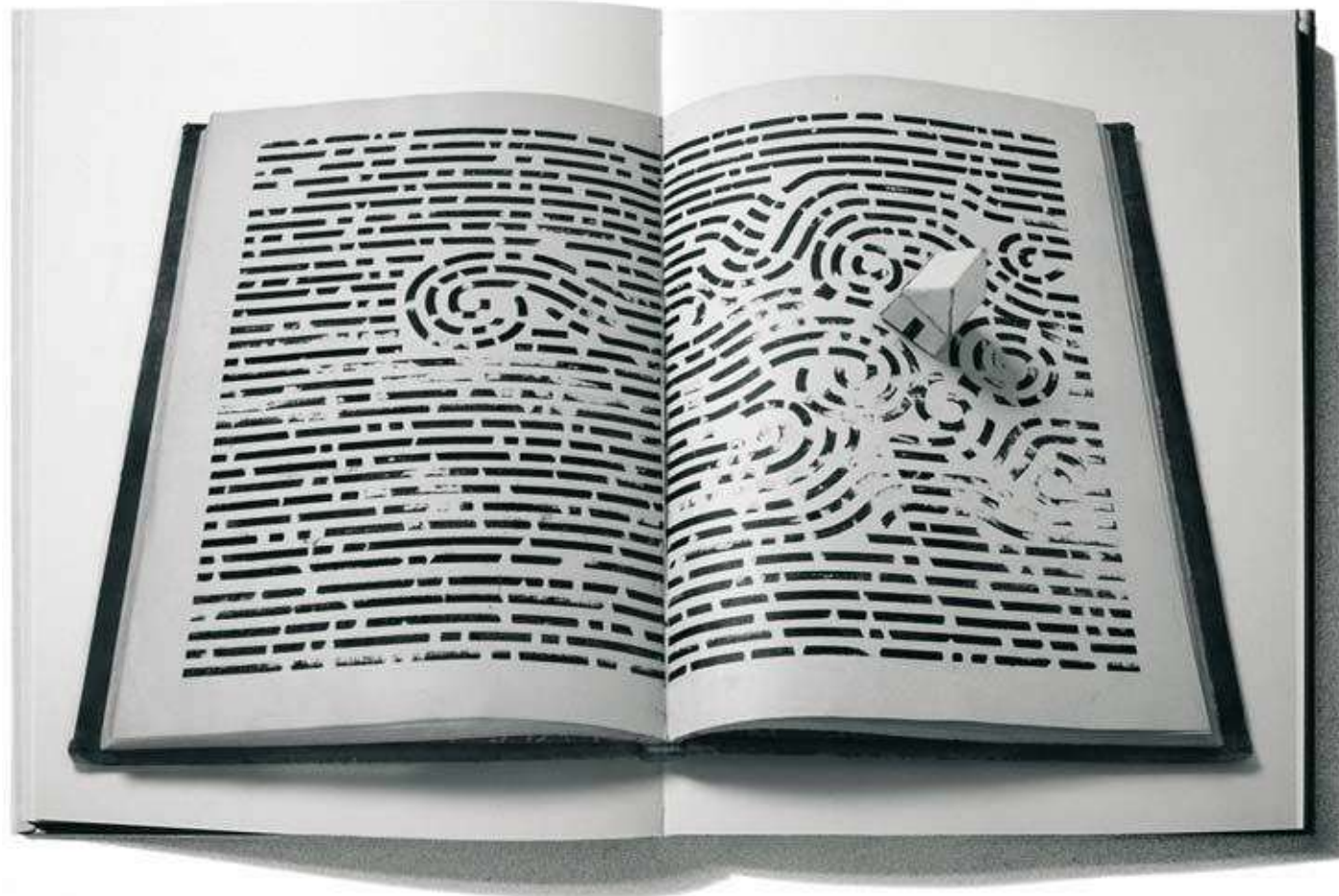
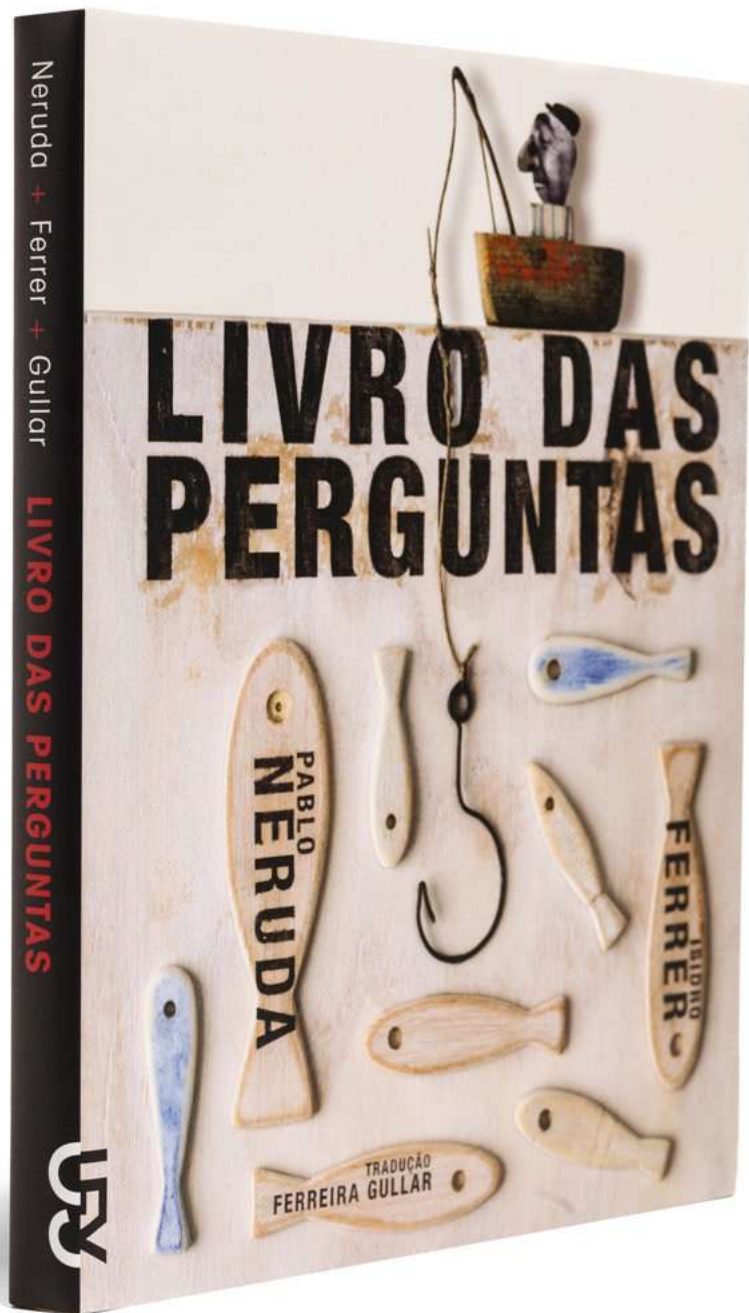


Aleksander
Rodchenko e
Seguéi
Tretiakóv
(texto): "Imita
Bichos".

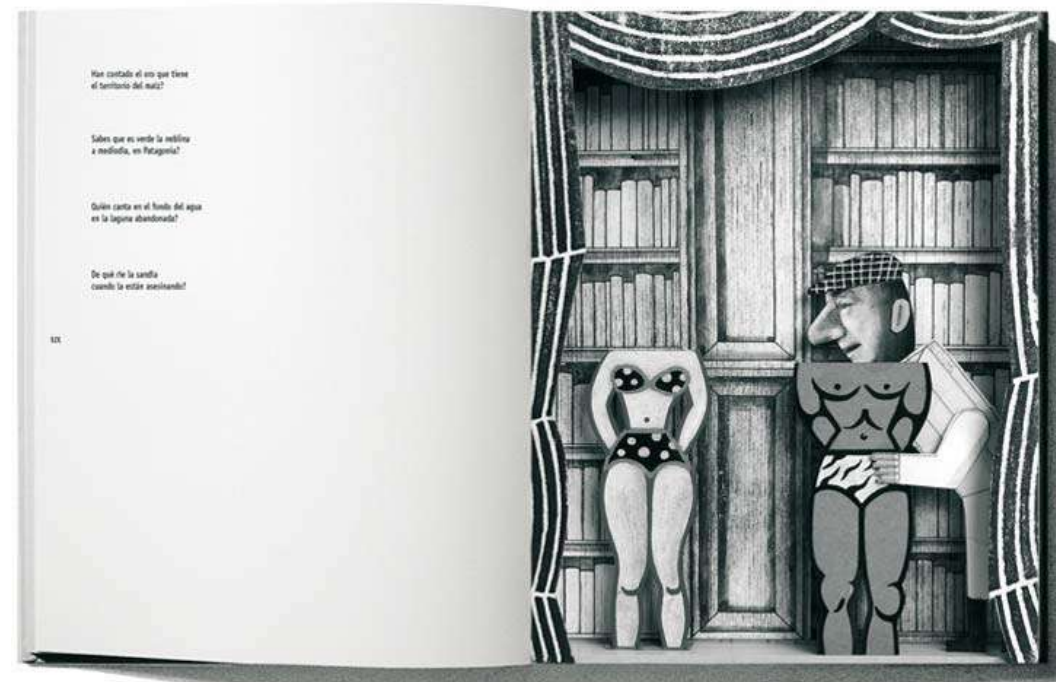
ISIDRO FERRER



Isidro Ferrer e Pablo
Neruda: "O Livro das
Perguntas", Editorial Media
Vaca (edição com as
ilustrações de Isidro), 2006.



Isidro Ferrer e Pablo Neruda: “Livro das Perguntas”, Editorial Media Vaca (edição com as ilustrações de Isidro), 2006. Lançado no país pela Cosac Naify em 2007.

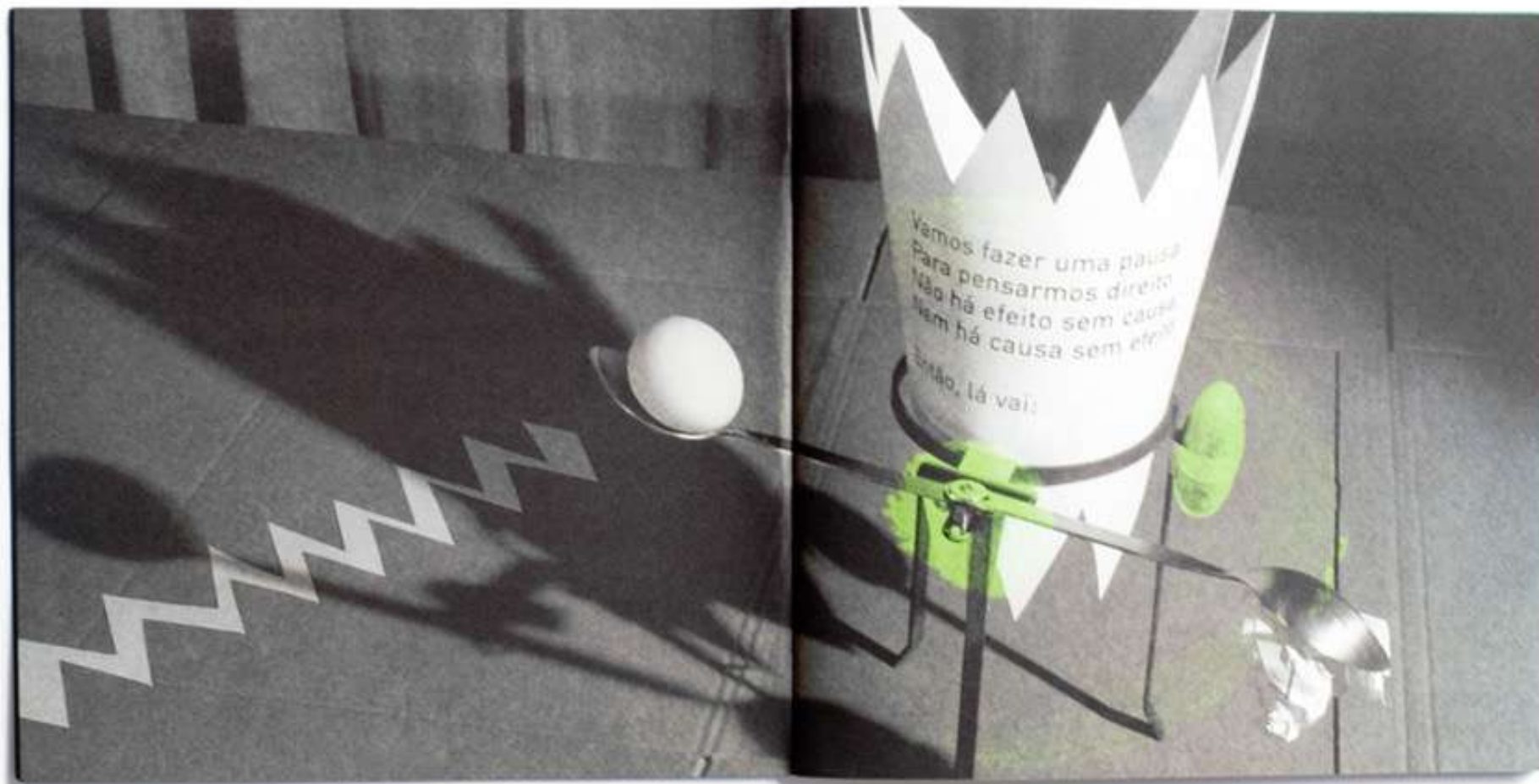


Isidro Ferrer e Pablo Neruda: “Livro das Perguntas”, Editorial Media Vaca (edição com as ilustrações de Isidro), 2006. Lançado no país pela Cosac Naify em 2007.

ANDRÉS SANDOVAL



Andrés Sandoval e
Tatiana Belinky (texto):
“Limeriques das
causas e efeitos”,
Editora 34, 2008.

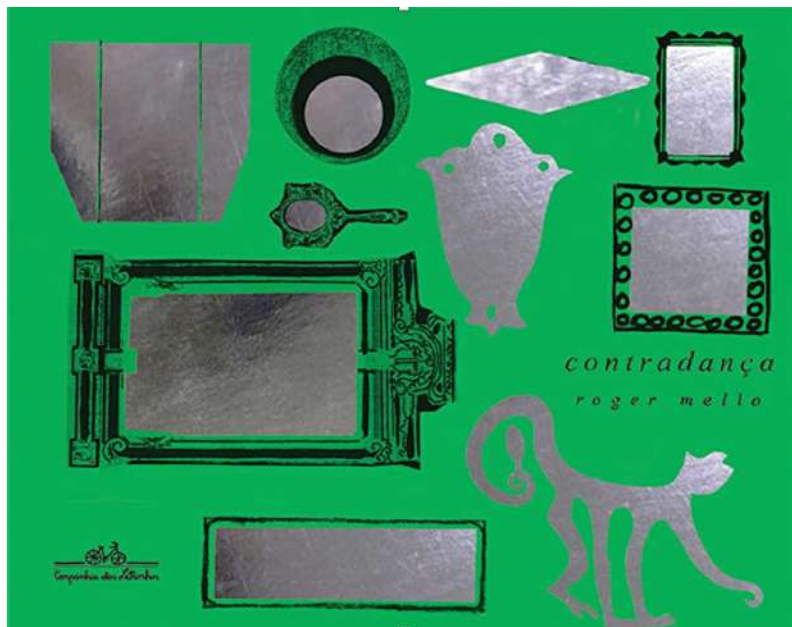


Andrés Sandoval e Tatiana Belinky (texto): "Limeriques das causas e efeitos", Editora 34, 2008.

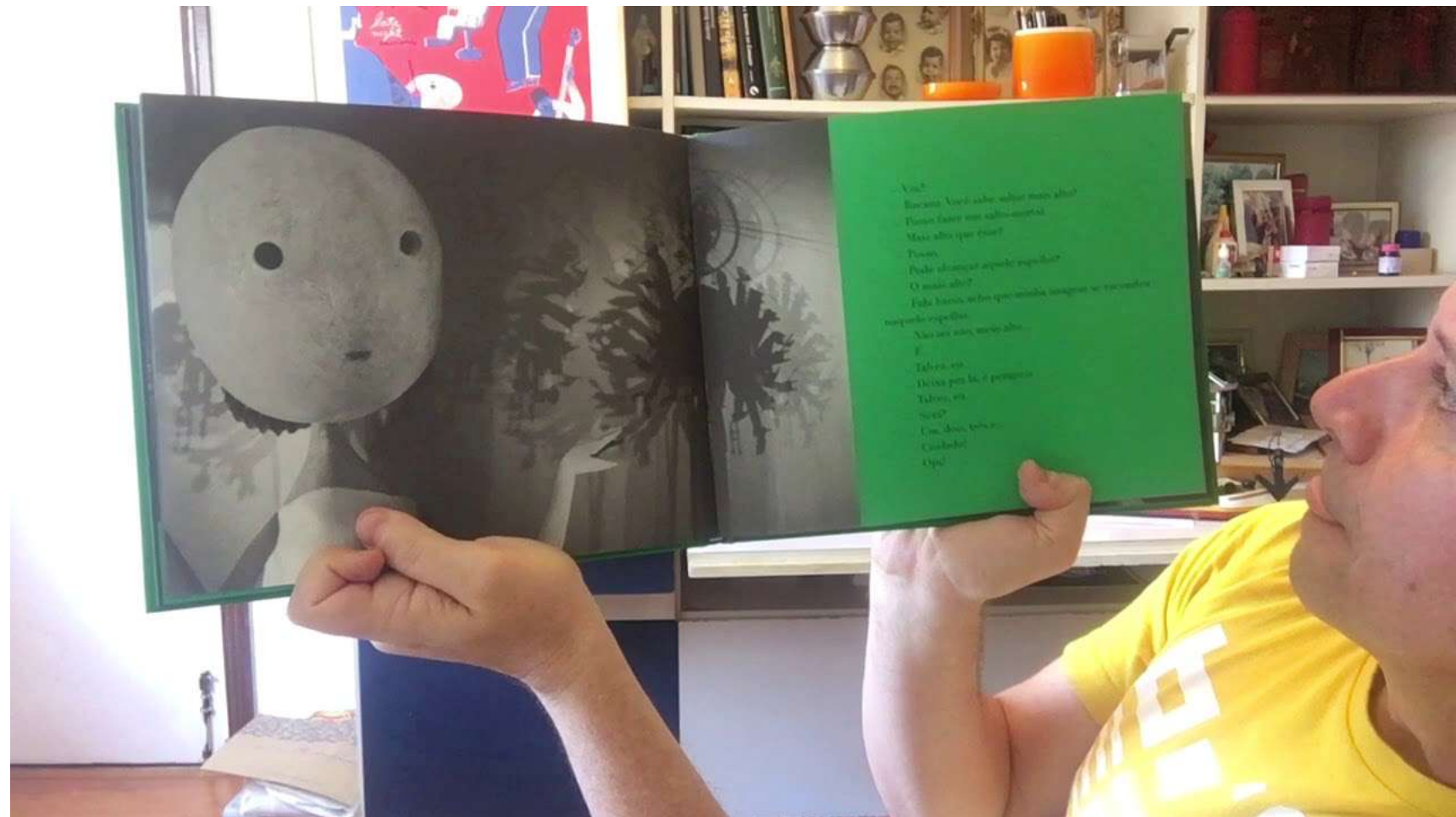
ROGER MELO



Roger Mello: "Contradança", Cia das Letrinhas, 2011.



Roger Mello: “Contradança”, Cia das Letrinhas, 2011.



CHARIVARI



Charivari Cacarecos:
oficina de Daniel
Bueno e Andrés
Sandoval. SESC Bom
Retiro, 2011.

Participação de Ally
Fukumoto, Isabel
Falleiros, Sandra
Jávera. Design de Erick
Fugii. Fotos de Helena
Rios.

A oficina geral um zine
experimental. Não é
um livro infantil, mas
serve como referência
adicional para esse
assunto.



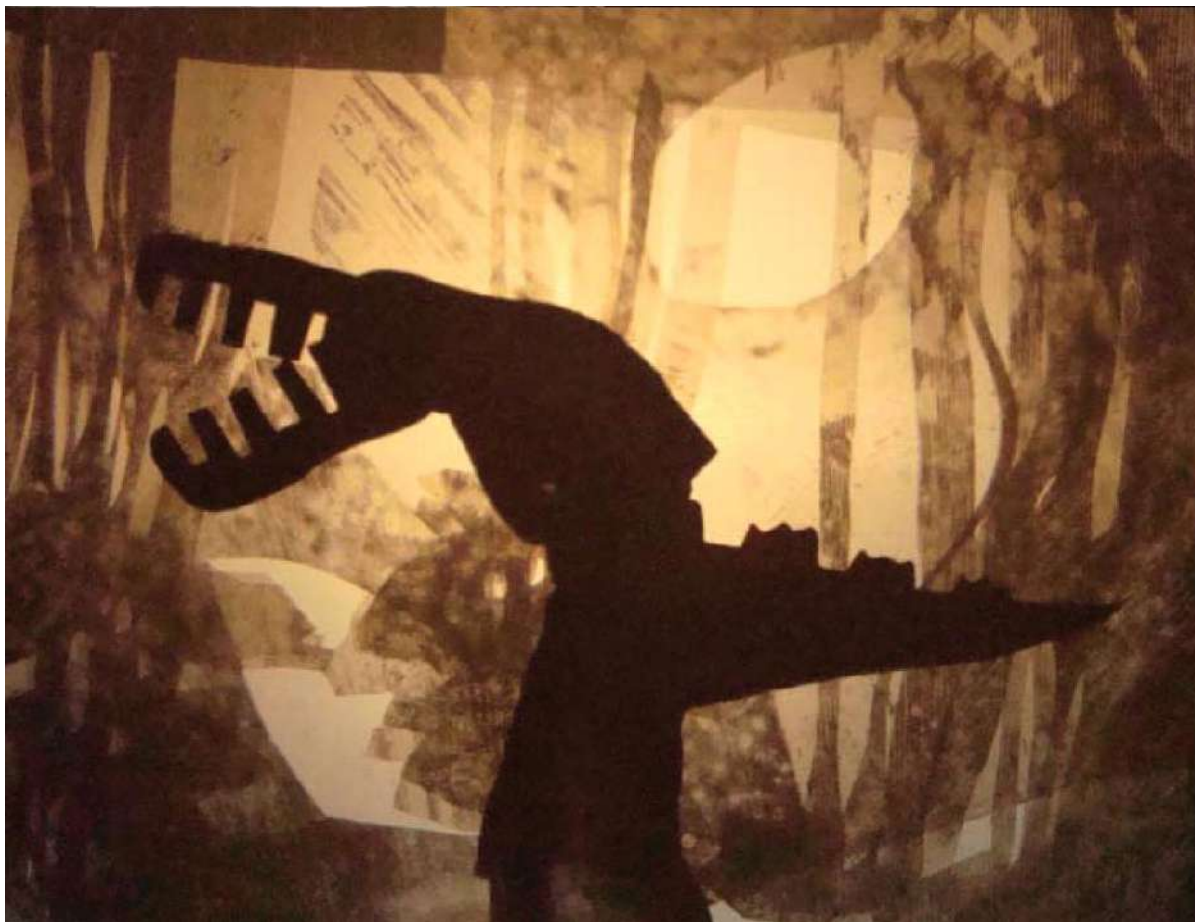
Máscaras Ilustradas :
oficina do Charivari
ministrada por Daniel
Bueno e Andrés
Sandoval. SESC Bom
Pompéia, 2008.
Fotos de Helena Rios.



Charivari Sombras:
cena de oficina do
Charivari ministrada
por Daniel Bueno,
Andrés Sandoval, José
Silveira e Marcelo
Salum. SESC Ribeirão
Preto, 2008.



Charivari Sombras:
desenhos eram
projetados num pano
grande funcionando
como cenário e
pessoas com máscaras
atuavam de modo a
gerar sombras do
outro lado do pano.



Charivari Sombras: do outro lado do pano silhuetas apareciam mescladas a elementos gráficos projetados.

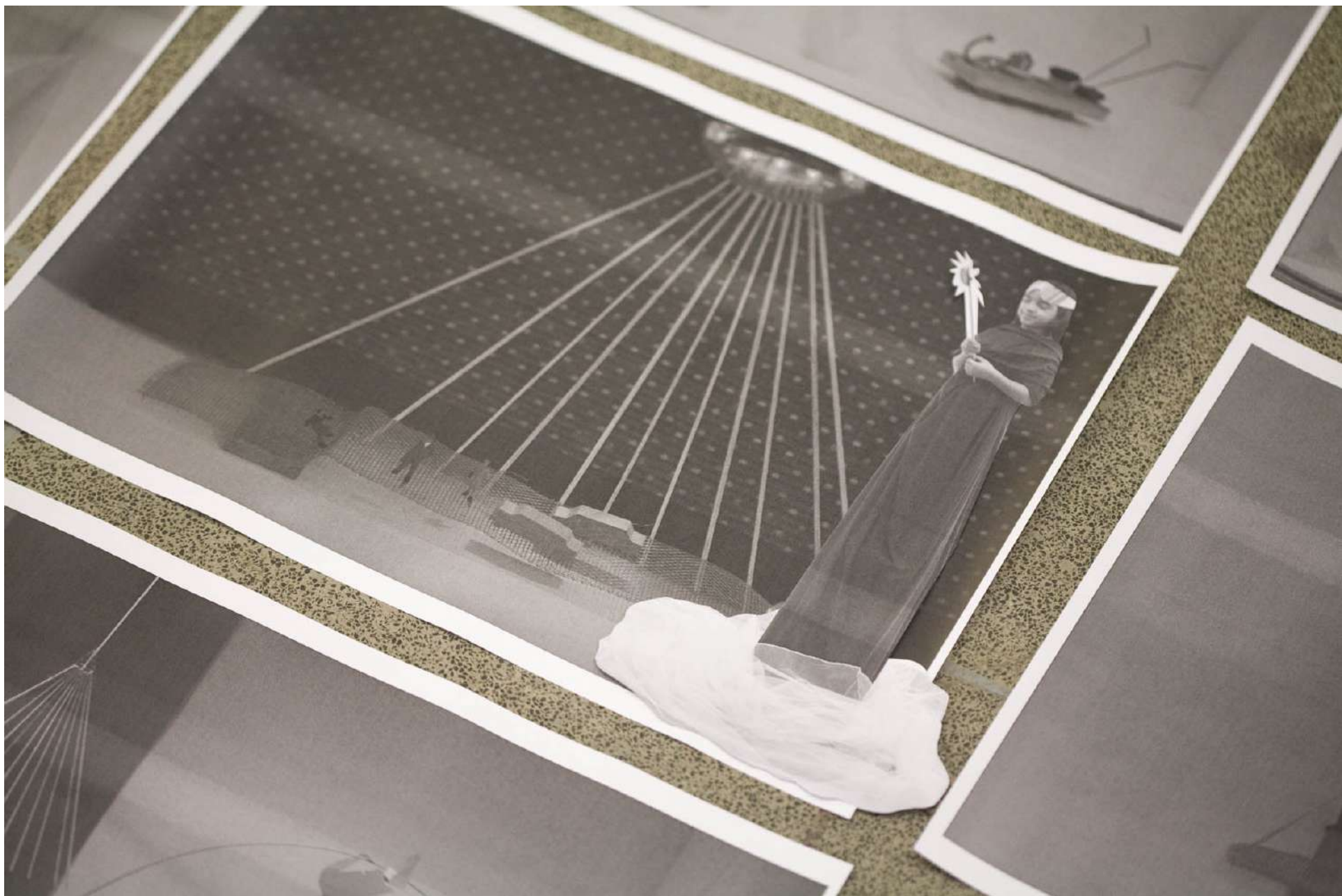




Quarta capa
e capa do
Charivari
Cacarecos,
2011.



A oficina contou com trabalhos em escalas diferentes: uma envolvendo pequenos objetos (como na foto ao lado), e outra explorando máscaras na escala humana.



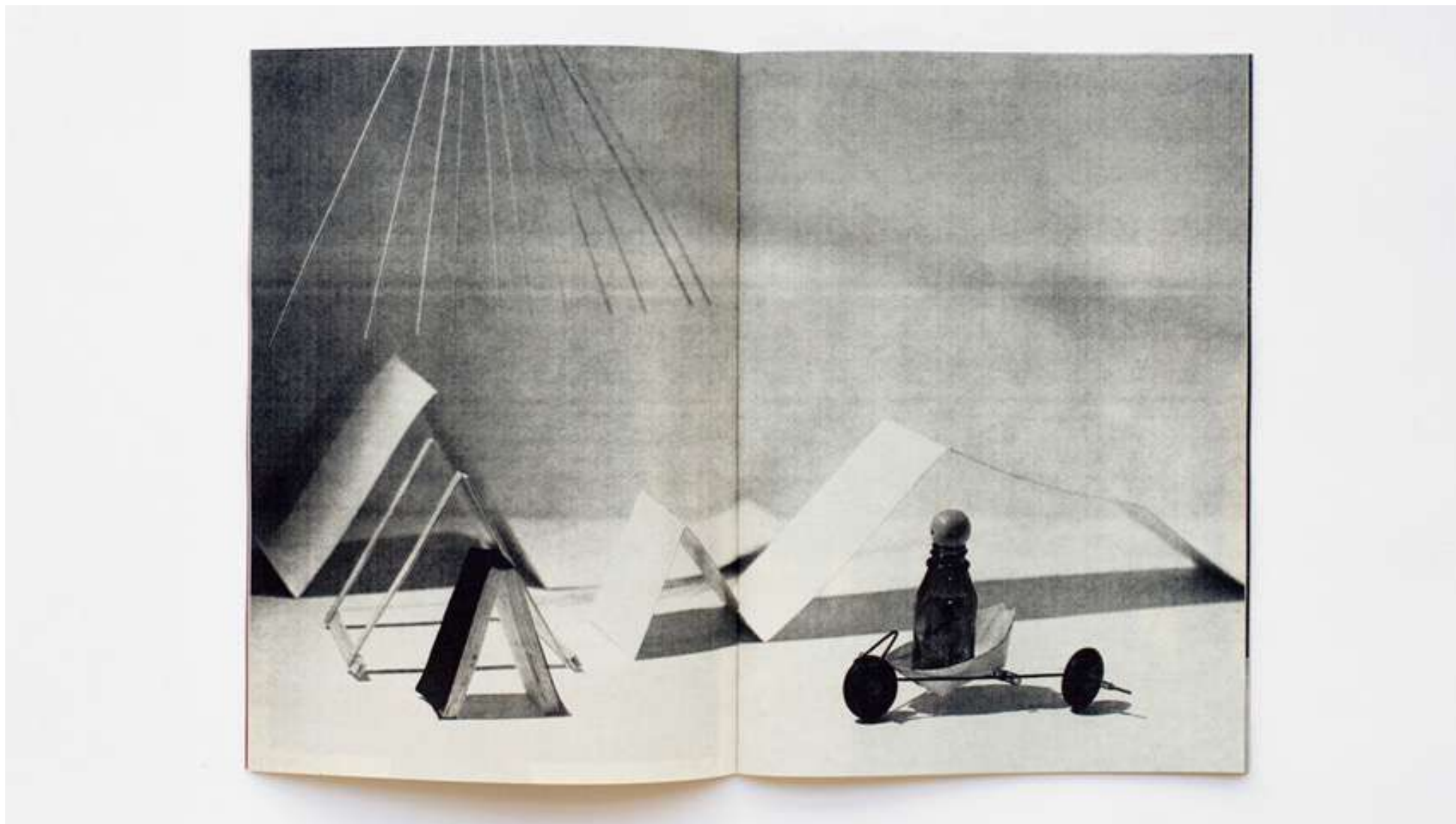
Toda a produção
foi registrada
em fotos, que
depois eram
trabalhadas em
colagens.

A mistura das
escalas geravam
estranhamento.



As inúmeras colagens foram dispostas no chão para que todos os participantes pudessem editar e escolher as melhores.

Ao lado, a ilustradora Bel Falleiros organizando o material.



Como resultado final, foi gerado um zine impresso. Acima, página dupla do Charivari Cacarecos, 2011.

ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO INFANTIL

Experimentações gráficas e Narrativa

Experimentação gráfica

Já vimos como a experimentação e exploração de técnicas inusitadas pode contribuir para o desenvolvimento de ilustrações instigantes, capazes de provocar o leitor.

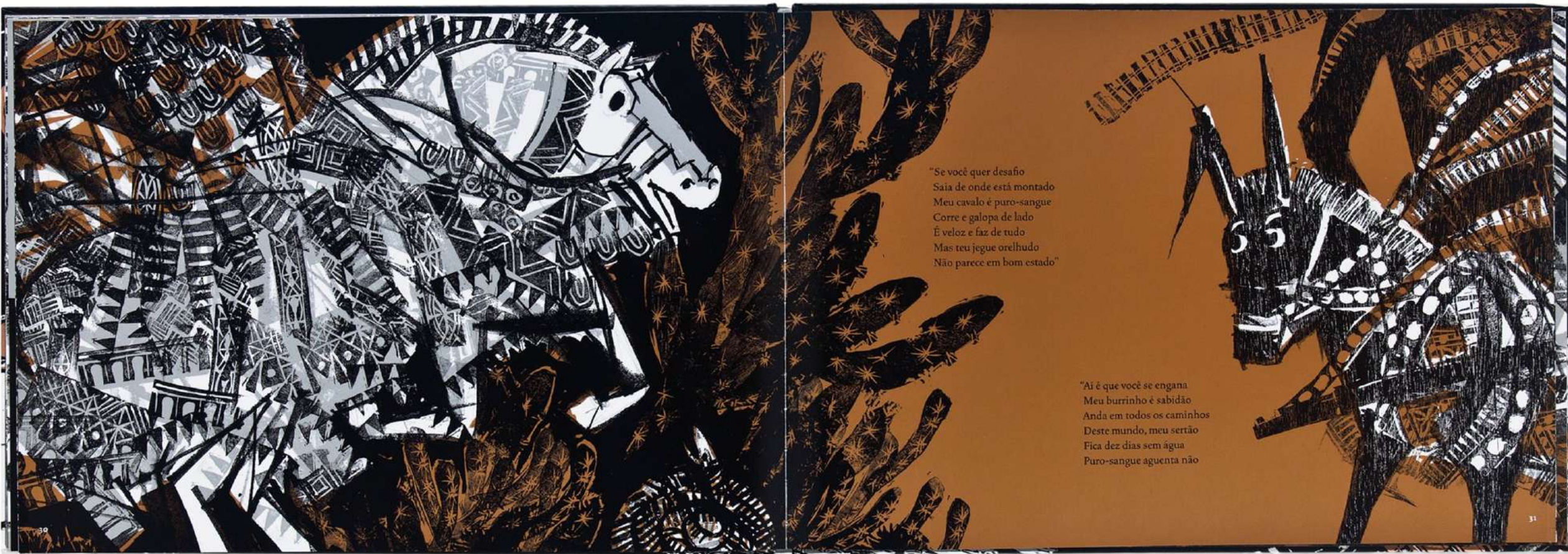
Iremos agora observar alguns exemplos de técnicas alternativas e abordagens gráficas investigativas em livros infantis – um meio bastante propício para esse tipo de postura.

Vamos perceber como a exploração de manchas com grafismos, por exemplo, podem gerar composições quase abstratas com grande impacto visual.

FERNANDO VILELA



Fernando Vilela:
"Lampião e Lancelote",
Cosac Naify, 2006.



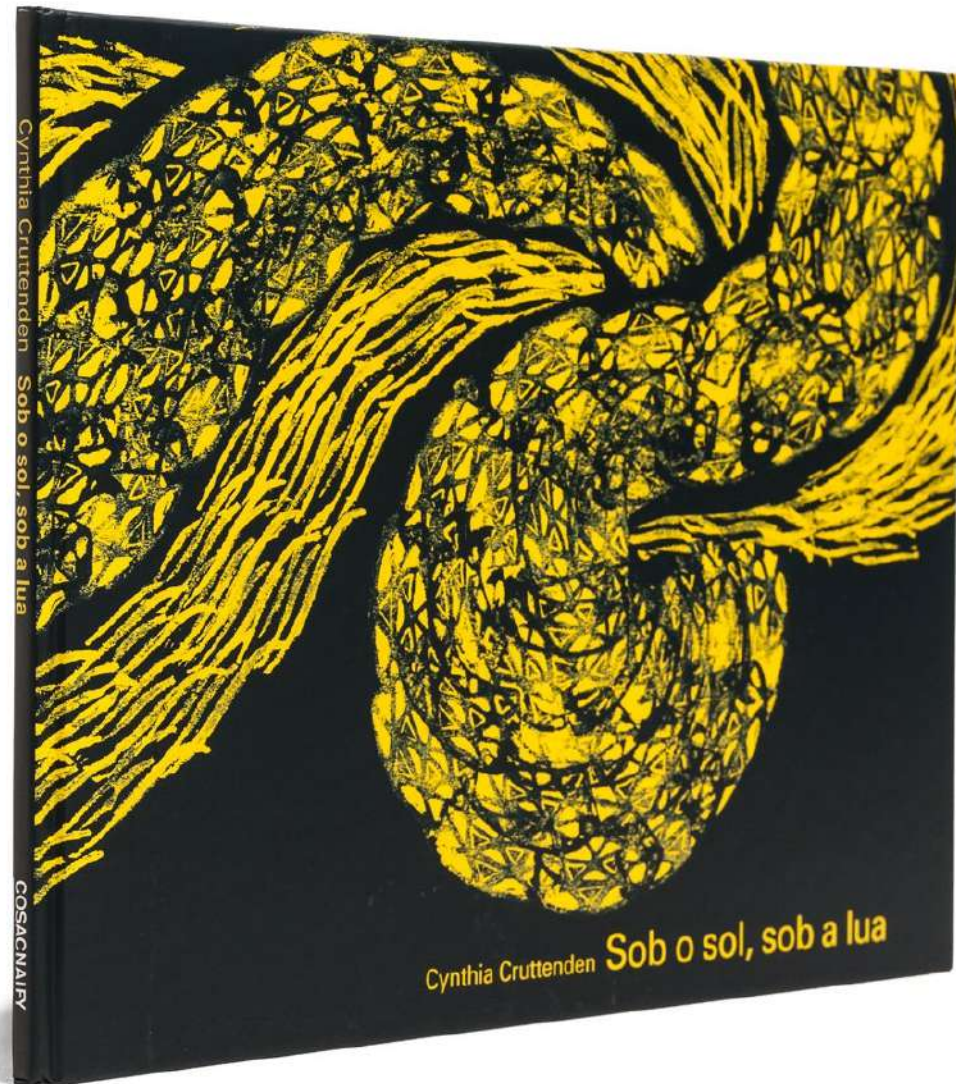
Fernando Vilela: "Lampião e Lancelote", Cosac Naify, 2006.



Mas o glorioso cavaleiro não sabia, e nem poderia saber, que cada passo em direção à neblina misteriosa o levava a um obscuro portal, que rasgava o tecido do tempo e do espaço rumo ao futuro. Após passar pela densa nuvem, Lancelote descobriu-se em um lugar nunca visto. O calor do sol era tão forte que sua armadura branca de prata parecia antecipar-lhe as chamas do inferno. Mesmo assustado com a paisagem desértica, Lancelote continuou cavalgando. Em curto lapso de tempo, percebeu que a irascível feiticeira Morgana o havia lançado numa cruel armadilha.

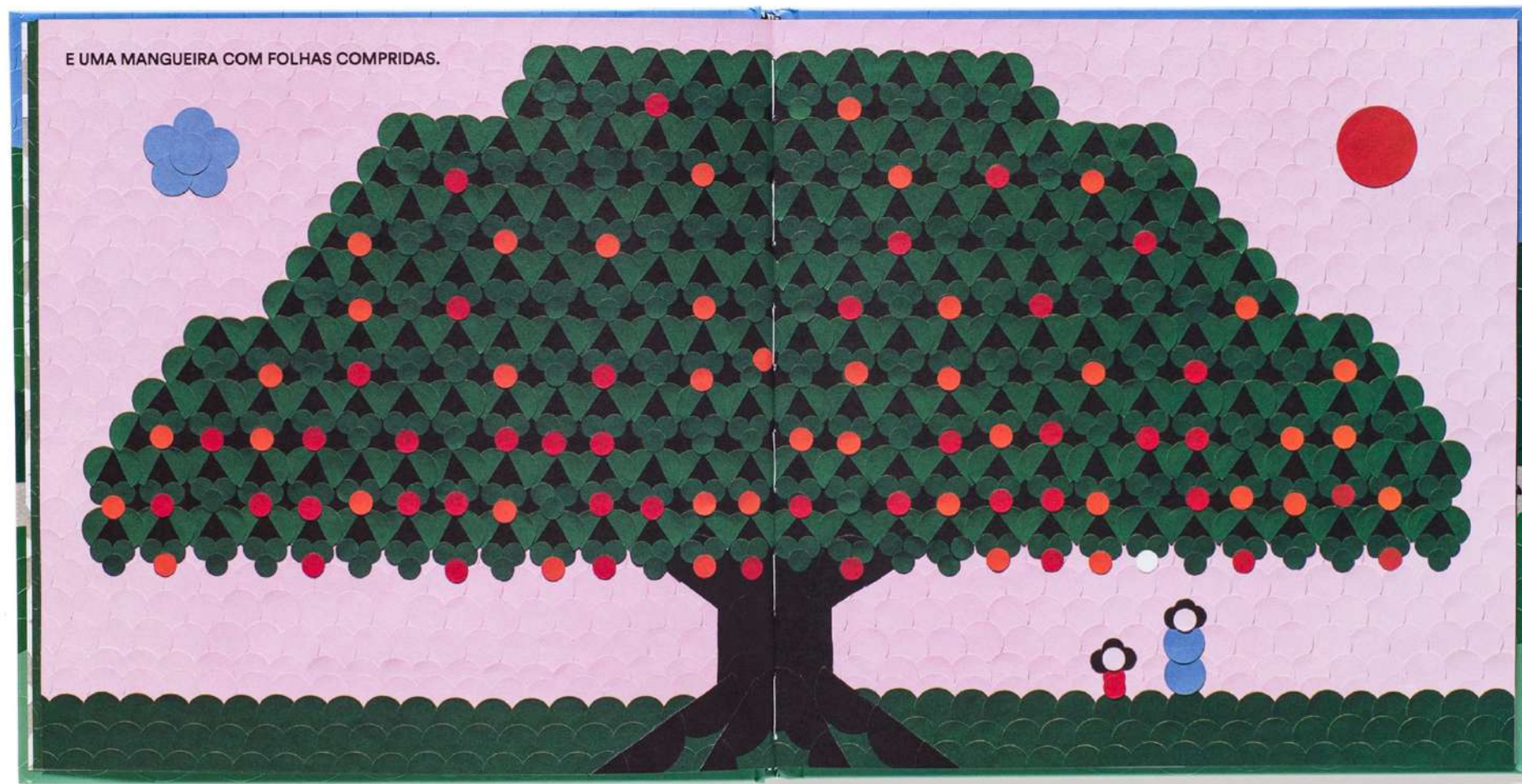
Fernando Vilela: "Lampião e Lancelote", Cosac Naify, 2006.

CYNTHIA CRUTTENDEN

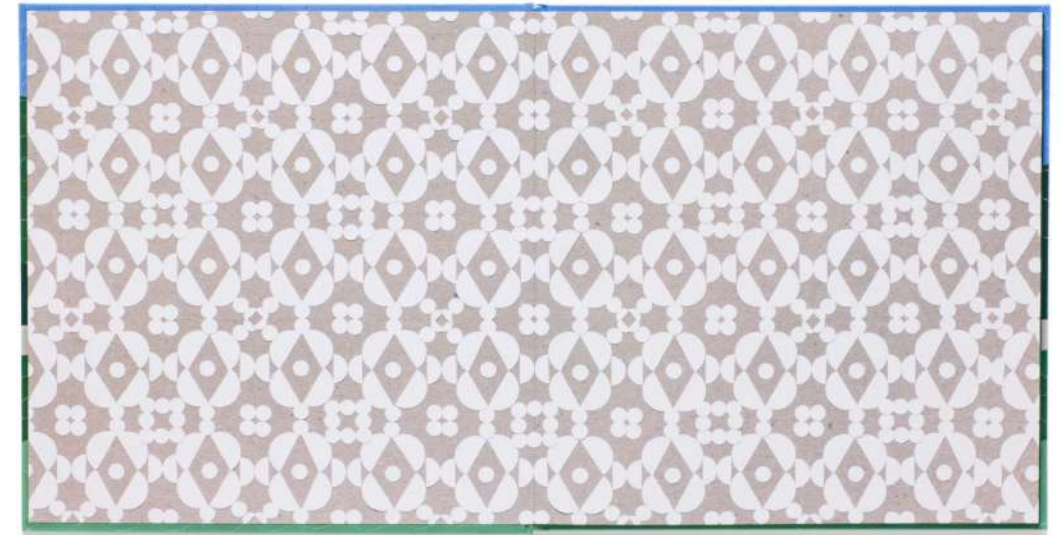
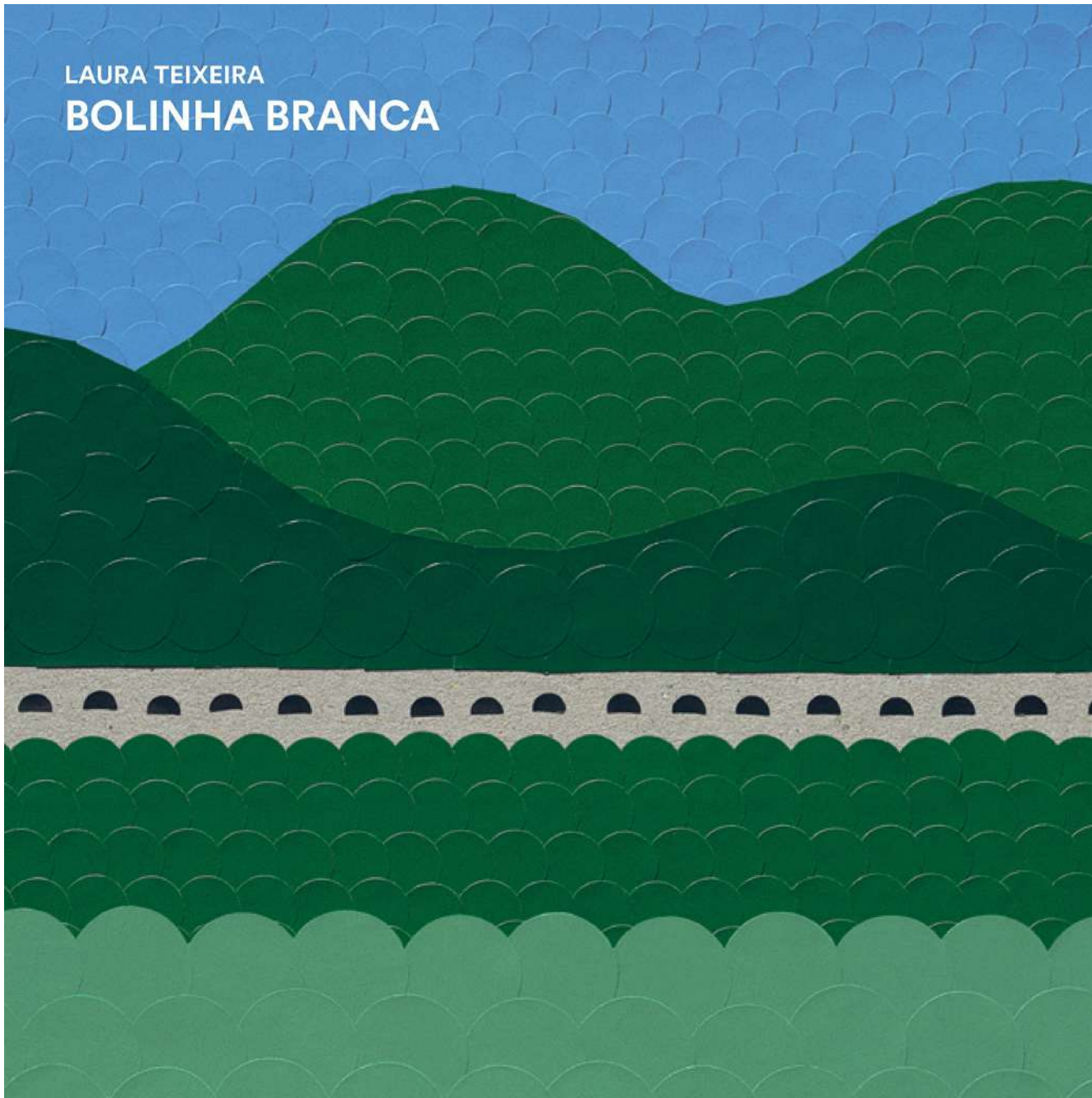


Cynthia Cruttenden:
“Sob o sol, sob a lua”,
Cosac Naify, 2002.

LAURA TEIXEIRA



Laura Teixeira: "Bolinha Branca", MOV Palavras, 2014.

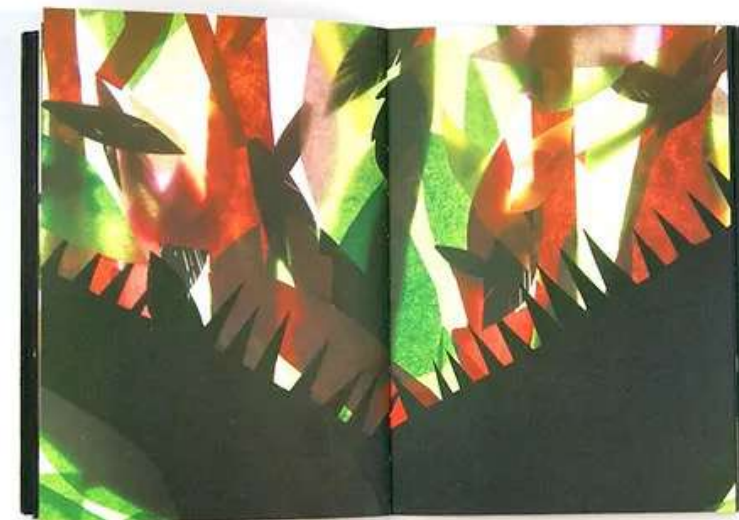


Laura Teixeira:
Ao lado, capa do livro “Bolinha Branca”, MOV Palavras, 2014.

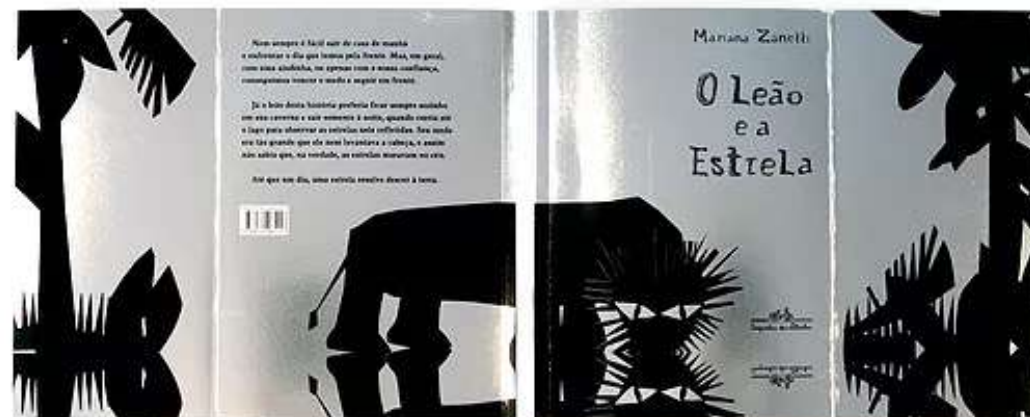


Laura Teixeira: ilustração do livro "Bolinha Branca", MOV Palavras, 2014.

MARIANA ZANETTI



Mariana Zanetti:
"O Leão e a
Estrela", Cia das
Letrinhas, 2013.



Mariana Zanetti: "O Leão e a Estrela", Cia das Letrinhas, 2013.

Narrativa

Um dos aspectos mais importantes de um livro infantil é a narrativa, ou seja, o domínio do aspecto sequencial.

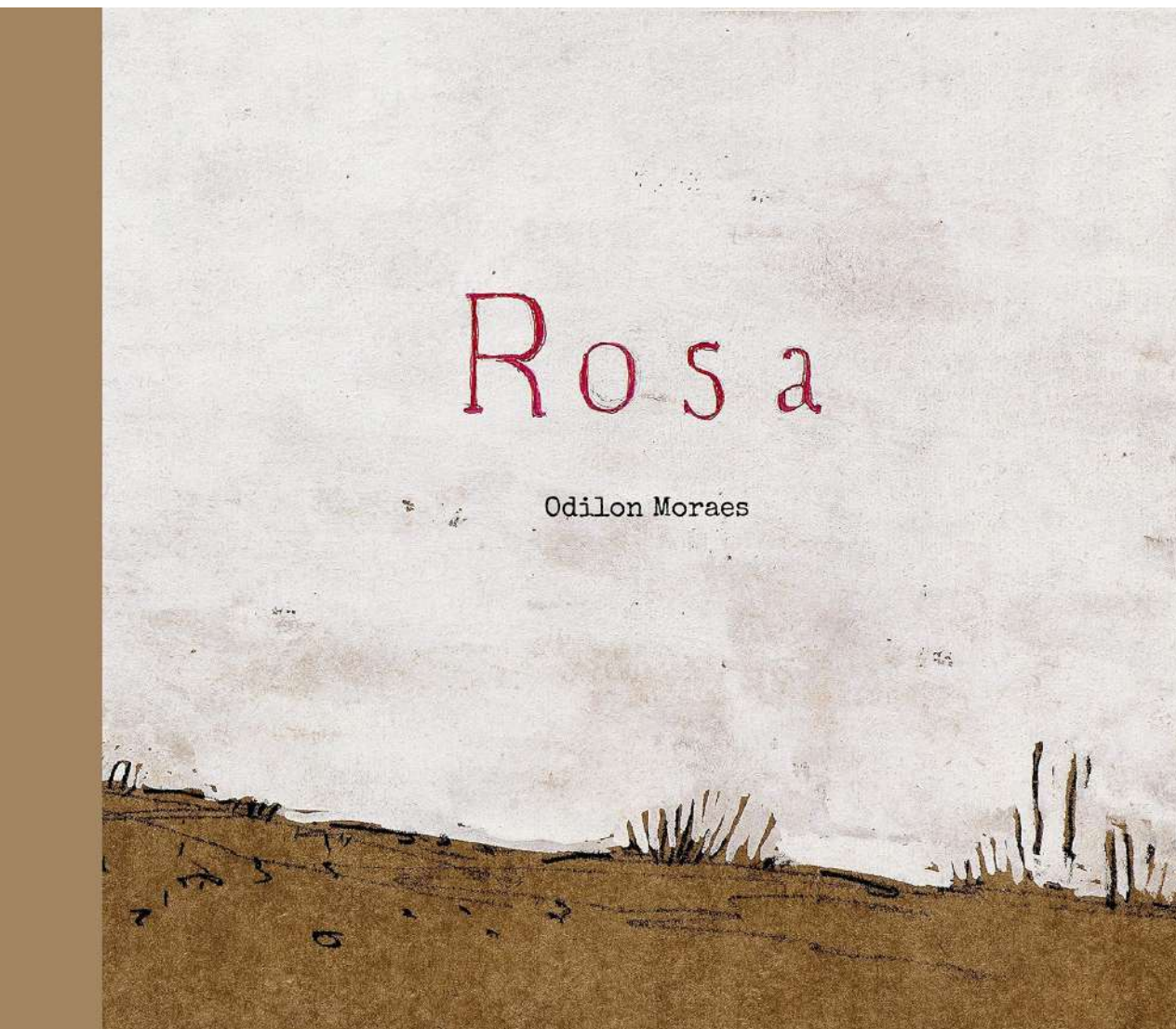
É a narrativa que vai trabalhar a variação dos enquadramentos, o ritmo de leitura, a fluidez, a ênfase no tom da história, os momentos mais impactantes e os mais sutis, etc.

Vamos observar duas obras recentes de nossa literatura infantil e prestar atenção às soluções narrativas.

ODILON MORAES



Odilon Moraes: "Rosa", Edições Olho de Vidro, 2017.



Odilon Moraes: "Rosa", Edições Olho de Vidro, 2017.



Odilon Moraes: "Rosa", Edições Olho de Vidro, 2017.



Odilon Moraes: "Rosa", Edições Olho de Vidro, 2017.

ALINE ABREU



E foi subindo, subindo,
até encontrar uma grande casa.



Aline Abreu: "Quase Ninguém Viu", editora Jujuba, 2016.